

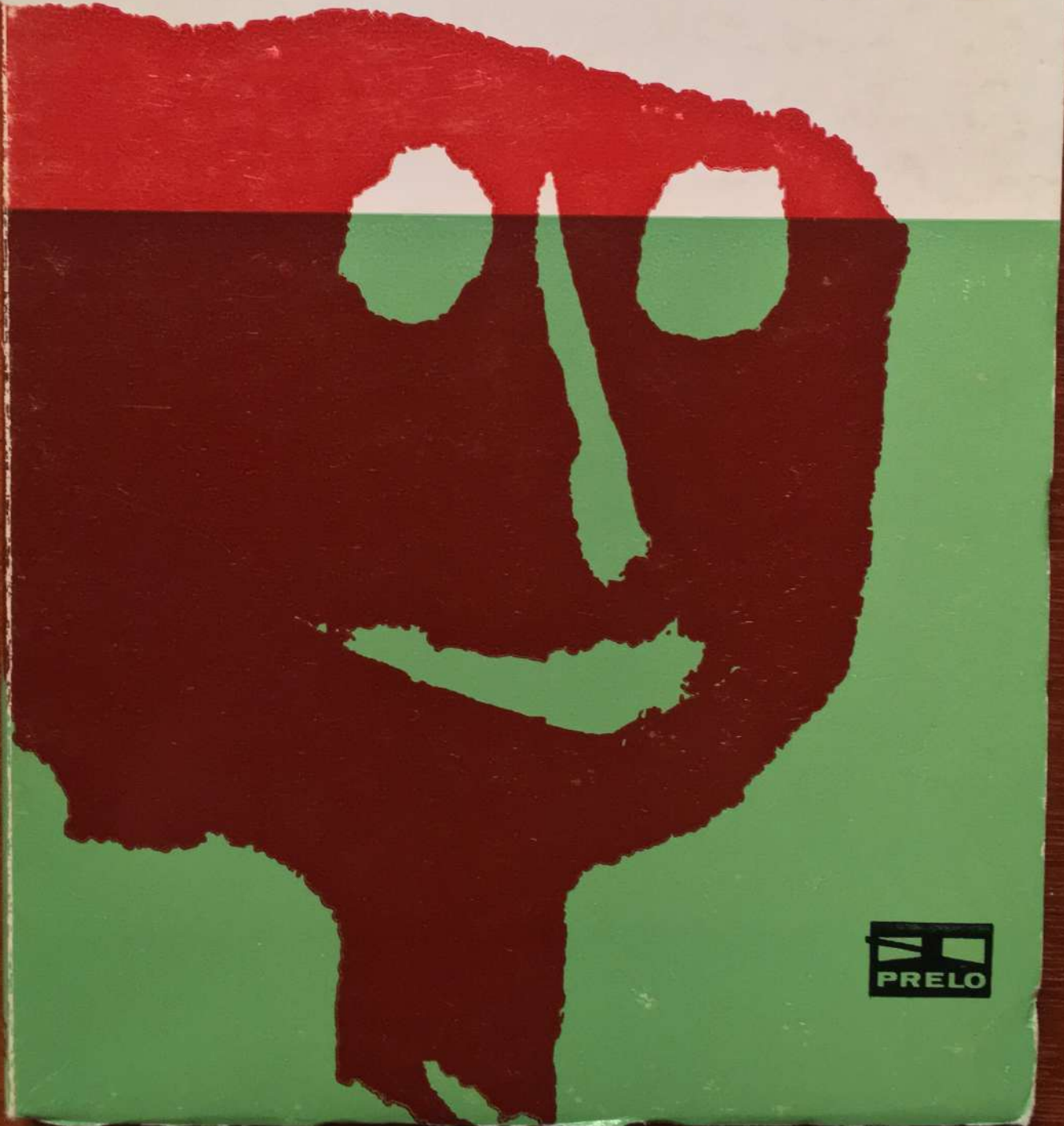
16º Y 9  
931  
(12)

# Repertório para um o actual

de, liberdade

luiz francisco rebello, luís de lima e helder costa

# 12



PRELO

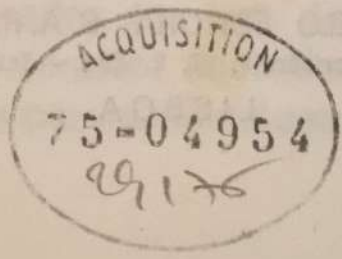
VOLUMES PUBLICADOS EN EL COLECCION

- 1 - OS CASOS de José María
- 2 - DEBATE POR DEBATE de José María
- 3 - A CARTA FRIBIDA de José María
- 4 - GUILHERME TEL TEL OS OLHOS TRISTES de José María
- 5 - JESUS PELAS NIM ALTO de José María
- 6 - FELIX ANIVERSARIO de José María
- 7 - A VIAGEM de José María
- 8 - ESTADUALDOS ASSUMIDOS ALVIDA de José María
- 9 - A MIA de José María
- 10 - A MIA de José María
- 11 - A MIA de José María
- 12 - A MIA de José María

# Liberdade, Liberdade

16º Yg.  
 931  
 (12)

F





VOLUMES PUBLICADOS NESTA COLECCÃO:

- 1 — OS CÃES  
de *Tone Brulin*
- 2 — DENTE POR DENTE  
de *William Shakespeare*
- 3 — A CARTA PERDIDA  
de *Ion Luca Caragiale*
- 4 — GUILHERME TELL TEM OS OLHOS TRISTES  
de *Alfonso Sastre*
- 5 — TRÊS PEÇAS NUM ACTO  
de *Avelino Cunhal*
- 6 — FELIZ ANIVERSÁRIO  
de *Harold Pinter*
- 7 — PEQUENOS BURGUESES  
de *Máximo Gorki*
- 8 — A MÁQUINA DE NAUFRAGAR  
de *Carlos Manuel Rodrigues*  
ESTRANGULADOS ASSUMIMOS A VIDA  
de *José A. Goulão Rodrigues*  
A VIAGEM  
de *Armando de Pina Mendes*
- 9 — A MÃE  
de *Stanislas Witkiewicz*
- 10 — JOÃO PALMIERI  
de *António Larreta*
- 11 — O CONCERTO DE SANTO OVÍDIO  
de *António Buero Vallejo*

capa de  
**MIGUEL FLÁVIO**

Reservados todos os direitos de publicação em língua portuguesa por

PRELO EDITORA, S. A. R. L.  
Rua da Misericórdia, 67, 2.º-Esq. — Telef. 37 06 91

LISBOA

*Liberdade, Liberdade*, de Flávio Rangel e Millôr Fernandes, estreou-se no dia 21 de Abril de 1965, no Teatro Opinião do Rio de Janeiro, sendo seus intérpretes Paulo Autran, Nara Leão e Oduvaldo Viana Filho, com a participação especial de Tereza Raquel. A data foi escolhida propositadamente: é a data em que se comemora Tiradentes, o Mártir da Independência.

A peça fez uma triunfal carreira, e foi apresentada em todo o país, batendo recordes de público onde quer que fosse encenada.

*Liberdade, Liberdade* foi apresentada na Argentina, no Uruguai, no Chile, no México, na Venezuela, no Peru, em Cuba, em Israel e na França. Seus direitos foram comprados três vezes por um agente teatral norte-americano, mas a peça ainda não foi encenada nos Estados Unidos.

Para todos esses países, Flávio Rangel e Millôr Fernandes permitiram que fossem feitas as adaptações que os responsáveis pela apresentação da peça nesses diversos países desejassem.

Quando procurados por Luís de Lima e Raul Solnado, no Rio de Janeiro, concederam a esses amigos a autorização para a montagem do texto em Por-



tugal, permitindo que fossem feitas as adaptações que esses dois profissionais do palco julgassem convenientes.

Para a edição brasileira, os autores escreveram os seguintes prefácios:

### A LIBERDADE DE MILLÔR FERNANDES

Também não sou um homem livre.  
Mas muito poucos estiveram tão  
perto.

(Epígrafe para o livro «Um Elefante  
no caos».)

*Aceitei, de Flávio Rangel, o convite para escrever com ele o presente espectáculo, por dois motivos: 1.º) Porque sou um escritor profissional. 2.º) Porque acho esse negócio de liberdade muito bacana.*

*Não tenho procurado outra coisa na vida senão ser livre. Livre das pressões terríveis da vida económica, livre das pressões terríveis dos conflitos humanos, livre para o exercício total da vida física e mental, livre das ideias feitas e mastigadas. Tenho, como Shaw, uma insopitável desconfiança de qualquer ideia que já venha sendo proclamada por mais de dez anos.*

*Mas paremos por aqui. Isso poderia se alongar por várias laudas e terminar em tratado que ninguém leria. Tentamos fazer um espectáculo que servisse à hora presente, dominada, no Brasil, por uma mentalidade que, sejam quais sejam as suas qualidades ou boas intenções, é nitidamente borocoxô. E cuja palavra de ordem parece ser retroagir, retroagir, re-*

troagir. E como não queremos retroagir senão para a frente, mandamos aqui a nossa modesta brasa, numa forma que, para ser válida e atingir seus objectivos espectaculares, tinha que ser teatralmente atraente. Se conseguimos ou não o nosso objectivo deverão dizê-lo as poltronas cheias (ou vazias) do teatro.

Fizemos, em suma, uma liberdade como podia concebê-la a modéstia e as limitações de nossas mentalidades — minha e de Flávio Rangel — sottosviluppata. Mas também vocês não iam querer um liberdão enorme, feito aquela que está em New York. A gente tem que começar por baixo. Como os Estados Unidos, por exemplo: começou com um país só.

## A LIBERDADE DE FLÁVIO RANGEL

Liberdade, essa palavra que o sonho humano alimenta, que não há ninguém que explique e ninguém que não entenda.

(CECÍLIA MEIRELLES, in «Romanceiro da Inconfidência».)

Uma selecção de textos não é uma ideia nova no teatro moderno. É nova aqui no Brasil, onde tudo é novo, inclusive a noção de liberdade. Quando Millôr e eu resolvemos seleccionar uma série de textos sobre o tema, tivemos a presunção de gravar seu som no coração dos nossos ouvintes.

É evidente que existe um motivo principal para este espectáculo no momento em que vive nosso



*Páis. Liberdade, Liberdade pretende reclamar, denunciar, protestar — mas sobretudo alertar.*

*Nas páginas finais de Les Mots, Jean-Paul Sartre diz que durante muito tempo tomou sua pena por uma espada, e que agora conhece sua impotência — mas, apesar de tudo, escreve livros. Eu, também, tenho minhas dúvidas que um palco seja uma trincheira — mas faço o que posso.*

LIBER

LUIZ F

FLAV

de pretende reclamar, denunciar  
sobretudo alertar.  
de Les Mots, Jean-Paul Sartre  
nito tempo tomou sua pena  
gora conhece sua impotência  
escreve livros. Eu, também  
ue um palco seja uma tribuna  
e posso.

# LIBERDADE, LIBERDADE

de

LUIZ FRANCISCO REBELLO, LUÍS DE LIMA  
e HELDER COSTA

com a colaboração musical de

JOSÉ MÁRIO BRANCO

baseado no roteiro de espectáculo de

FLÁVIO RANGEL e MILLÓR FERNANDES





### **BRASIL 65 / PORTUGAL 74**

*Dois homens de teatro brasileiros, um autor e um encenador, Millôr Fernandes e Flávio Rangel, conceberam em 1965, para o Brasil de então, um espetáculo composto por uma colagem de citações, poemas, canções, fragmentos de peças de várias épocas e estilos, sobre o tema da Liberdade.*

*Num país dominado por uma mentalidade «cuja palavra de ordem parece ser retroagir, retroagir, retroagir» (Millôr), era necessário um espetáculo que se propusesse «reclamar, denunciar, protestar — mas sobretudo alertar» (Flávio). Dito por claro: reclamar a liberdade, denunciar todas as mistificações da liberdade, protestar contra o esmagamento da liberdade — e alertar contra a miséria que a sua perda implica.*

*Mas o teatro não existe fora da cidade. E só se justifica quando (e na medida em que) corresponde ao apelo dos que nela habitam e dá testemunho das suas alegrias e das suas cóleras, das suas certezas e incertezas, das suas queixas e das suas esperan-*

ças. Por outras palavras, o teatro não existe fora do tempo.

E o tempo português de 1974 não é — felizmente — o tempo brasileiro de 1965.

O espectáculo concebido pelos dois autores brasileiros poderia, hoje ainda, representar-se no seu país exactamente como há nove anos o imaginaram. Não já assim em Portugal, onde graças ao triunfo do Movimento das Forças Armadas floriu de novo o cravo vermelho da Liberdade. Não teria por isso sentido reclamá-la ou protestar contra o seu estrangulamento — nessa parte a proposta brasileira achase entre nós ultrapassada —, mas sim denunciar as suas contrafacções e, sobretudo, alertar para os perigos que a ameacem e podem conduzir à sua destruição. Porque a reacção não desarma facilmente (é a lição da História que temos a obrigação de não esquecer) e não recua diante de coisa nenhuma, por mais heridonda que seja, para vencer o inimigo que mais teme: a Liberdade, única via possível para uma sociedade justa em que o homem não mais seja explorado pelo homem.

Sobre este aspecto colocámos a tónica dominante do nosso espectáculo. Aproveitando o esquema básico da peça brasileira, e alguns dos textos nela incluídos, desviámos-lhe o eixo de uma reivindicação de liberdade para a necessidade da sua consolidação, aqui e agora. Daí a substituição da maior parte dos poemas e canções, das sentenças, frases e episódios citados, e a introdução de novas cenas e epi-

sódios, como por exemplo um «acto» do Teatro Campestino, o debate na Assembleia Nacional sobre o «caso da capela do Rato», a evocação do movimento de libertação das colónias portuguesas, as cenas alusivas à tomada da Bastilha, à Comuna de Paris e à Revolução de Outubro, o processo movido contra Aquilino Ribeiro, o episódio final sobre o Chile. A encenação de Luís de Lima, a colaboração de Helader Costa como dramaturgista e de José Mário Branco como organizador da estrutura musical do espectáculo, garantiram-lhe a essencial unidade, não só estética mas ainda ideológica.

No grande e necessário processo em curso de consciencialização do povo português, de aprendizagem da Democracia, de construção do Socialismo, é este o nosso contributo de homens de teatro e cidadãos, a nossa proposta de diálogo com o povo do nosso País, agora finalmente dono do seu destino. Esperemos (e por isso lutaremos) que para sempre.

LUIZ FRANCISCO REBELLO



A versão portuguesa de **LIBERDADE, LIBERDADE**  
estреou-se em Lisboa, no Teatro Villaret,  
em 28 de Agosto de 1974

Nela intervieram, como actores,

**LUIS DE LIMA**

(que a dirigiu e encenou)

**MARIA DO CÉU GUERRA**

**JOÃO PERRY**

como cantor

**CARLOS CAVALHEIRO**

como músicos

**JÚLIO PEREIRA**

**CARLOS PATRÍCIO**

**MARIA JOÃO RELÓGIO**

**PINTINHAS**

direcção musical de

**JOSÉ MÁRIO BRANCO e FAUSTO**

dispositivo cénico

**MÁRIO ALBERTO**





Canções de José Afonso, Fernando Lopes-Graça, Rouget de l'Isle, Paul Robeson, George Gershwin, Hechel Tavares, Eugène Pottier, Victor Jara, além de várias canções e temas populares, hinos e marchas (escolhidos, como facilmente se verificará sem des-  
criminação política de qualquer espécie).

As citações relativas às defesas de Joaquim Pinto de Andrade e Aquilino Ribeiro são extraídas dos processos que a Pide lhes moveu. O debate na Assembleia Nacional sobre o caso da «Capela do Rato» é extraído — textualmente, por muito estranho que possa parecer — do «Diário das Sessões».

Outras fontes históricas foram utilizadas para os vários discursos, citações e episódios autênticos reproduzidos ou evocados no texto do espectáculo.

Finalmente, os autores agradecem ao Movimento das Forças Armadas ter libertado Portugal do fascismo e restaurado a liberdade de expressão e de pensamento, sem o que este espectáculo não seria possível.

## 1.ª Parte

Escuro.

«Angola é Nossa» — *acordes finais.*

*Interrupção (sempre no escuro): Indicativo sonoro da Rádio Renascença.*

VOZ GRAVADA DE LOCUTOR

Aqui Rádio Renascença. Vamos dar início a um novo programa.

*Com o acender da luz entra, na voz do cantor, retomada depois por todos os actores, a 1.ª quadra de «Grândola, vila morena» de José Afonso.*

CANTOR

Grândola, vila morena...

(Luz sobre todos)

TODOS

Terra da fraternidade

O povo é quem mais ordena  
Dentro de ti ó cidade.

(Luz sobre:)

LUIS DE LIMA

Hoje é tempo de acção para todos nós. Até para os milhares de Portugueses com sotaque estrangeiro, como eu. Melhor ainda, no meu caso. Agora já sei falar duas línguas, Português e Brasileiro. Voltámos à Pátria e fazemos parte do caudal irresistível que opõe ao ódio e à opressão um Mundo Novo de amor, paz e progresso.

CEU GUERRA

O teatro é a arma que escolhemos para exprimir a nossa participação no fogo que incendeia o país.

JOÃO PERRY

O teatro é um espelho do mundo e o rosto que esse espelho agora reflecte é o rosto de um povo livre, restituído ao seu destino. Um povo que canta a sua liberdade reconquistada, e que lutará para nunca mais a perder!

(Música — acordes do «Coro da Primavera»  
vera»)

JOÃO

De tão pesada noite sinto o frio  
quando me aquece o sol de uma alvorada  
e só, distante e perto, a voz de um povo  
me diz que não me engano, que ainda vivo.

14

CEU

Que venham as vozes implacáveis!  
Que venham e não temam soletrar  
o que antes já tão mal se traduzia:  
o ar de quem respira puro ar,  
isento de disfarce ou covardia.

(Cessam os acordes musicais)

LUIS

Mas quanta insidiosa profecia  
não vibra neste frio que em mim sinto...  
se ouvir, latente, o solgar sem fim...  
do povo que me encanta e me diz: cantai! (1)

(Música: «Coro da Primavera»)

CANTOR

Ergue-te ó sol de verão  
Somos nós os teus cantores  
Da matinal canção  
Ouvem-se já os rumores  
Ouvem-se já os clamores  
Ouvem-se já os tambores (2)

(1) Excerptos do poema de Ruy Cinatti, publicado no suplemento «Letras e Artes» do «Diário de Notícias» de 27 de Junho de 1974.

(2) «Coro da Primavera», de José Afonso (extraído de «Cantares»).

15



LUIS

É deste mundo, o canto!  
Ergue-se da própria leiva, quando o grão  
Abre os olhos de espanto  
Diante do esplendor da criação!  
(...)

Por isso a vós, Poetas, eu levanto  
A taça fraternal deste meu canto  
E bebo em vossa honra o doce vinho  
Da amizade e da pazi  
Vinho que não é meu,  
Mas sim do mosto que a beleza trazi

E vos digo e conjuro que canteisi!  
Que sejais menestreis  
Duma gesta de amor universal,  
Duma epopeia que não tenha reis,  
Mas homens de tamanho natural!<sup>(3)</sup>

(*Música: novamente o «Coro da Prima-  
vera»*)

<sup>(3)</sup> Excertos da ode «Aos Poetas», de Miguel Torga (do livro «Odes», 1946).

CANTOR

Venha a maré cheia  
Duma ideia  
P'ra nos empurrar  
Só um pensamento  
No momento  
P'ra nos despertar  
Eis mais um barco  
e outro barco  
Nos conduz irmão  
Sempre a nossa fome  
Nos consome  
Dá-me a tua mão

CANTOR E CORO

Ergue-te ó sol de verão  
Somos nós os teus cantores  
Da matinal canção  
Ouvem-se já os rumores  
Ouvem-se já os clamores  
Ouvem-se já os tambores

(*Escuro.*)

Logo após o escuro, começa um ruído de  
bateria. O ruído diminuirá quando os actores  
começarem a falar, e cada um deles falará  
com um foco de luz sobre si. As frases  
devem ser ditas com veemência)

LUIS

*Pascal:* Não concordo com uma só palavra do que disseis, mas defenderei até à morte o vosso direito de dizê-las!

CÉU

*Geraldo Sem Pavor:* A natureza fez o pescoço com uma mobilidade de 360 graus. Portanto devemos olhar as coisas de todos os ângulos.

JOÃO

*Danton:* Audácia, mais audácia, sempre audácia!

LUIS

*Oliveira Salazar:* O povo para ser feliz não precisa de saber ler nem escrever.

CÉU

*Abraão Lincoln:* Pode-se enganar algumas pessoas todo o tempo; pode-se enganar todas as pessoas algum tempo; mas não se pode enganar todas as pessoas todo o tempo.

JOÃO

*Luis XIV:* O Estado sou eu!

18

LUIS

*Pina Manique:* É evidente que Deus fez o homem com a cabeça maior do que o corpo, para ele não poder passar por entre as grades.

CÉU

*Benito Mussolini:* Acabámos de enterrar o cadáver pútrido da liberdade!

JOÃO

*Mao-Tse-Tung:* Milhares e milhares de mártires deram heroicamente a vida pela defesa dos interesses do povo. Levantemos pois bem alto a sua bandeira e avancemos na via traçada pelo seu sangue.

LUIS

*Alexandre Herculano:* O Brasil é a nossa melhor colónia, depois que deixou de ser colónia nossa.

CÉU

*Barry Goldwater:* A questão do Vietnam pode ser resolvida com uma bomba atómica!

JOÃO

*Anne Franck, a menina judia assassinada pelos nazis:* Apesar de tudo eu ainda creio na bondade humana!

19



LUIS

*Elmano Alves, chefe da defunta Acção Nacional Popular: A liberdade é o direito de não permitir que os outros façam aquilo que querem.*

CÊU

*Agostinho Lourenço: Se passas a vida a dizer exactamente o que pensas, depois não te venhas queixar.*

JOÃO

*Príncipe D. Juan: Quem confunde liberdade de pensamento com liberdade é porque nunca pensou em nada... em nada... em nada...*

CÊU

*Oliveira Salazar: Um ou dois satanões dados a tempo nunca fizeram mal a ninguém.*

LUIS

*Marcelo Caetano: Um homem que trabalha de dia e estuda de noite, não pode ser um bom estudante. Nem tão-pouco um bom trabalhador.*

JOÃO

*John Kennedy: Não pergunteis o que o país pode fazer por vós, mas sim o que podeis fazer pelo país!*

20

CÊU

*Lenine: De todos os capitais, o homem é o capital mais precioso.*

LUIS

*Mao-Tse-Tung: O exército deve fundir-se com o povo, de maneira que este veja nele o seu próprio exército. Um exército assim é invencível...*

JOÃO

*Programa do Movimento das Forças Armadas...*

CÊU

*...divulgado em 26 de Abril de 1974:*

LUIS

O Governo Provisório Português obriga-se a promover imediatamente a liberdade de reunião e de associação e a liberdade de expressão e de pensamento sob qualquer forma.

*(Música: primeiros acordes do «Coro dos Escravos»)*

LUIS

O homem lutou desde sempre pela liberdade. E há milhares de anos que dura essa luta.

21

CÉU

Há uns 2000 anos, na antiga Roma, reinava a escravatura.

*(Jogo mímico com os actores, representando um escravo, um guarda e uma matrona romana. Através de cada personagem «mostrar» o trabalho penoso, o autoritarismo e a selvajaria, o ambiente de sumptuosidade e luxúria)*

JOÃO

Escravos! Companheiros! Lutemos pela Liberdade!  
Afoguemos no sangue o luxo e a corrupção de Roma!  
Voltemos à nossa terra onde nos espera a paz e a abundância!

CANTOR E CORO

Escravos, de armas na mão!  
É a hora da libertação!

CÉU

A este apelo responderam os braços e os músculos de milhares de escravos.

*(Continua a pantomima)*

22

JOÃO

Dos corpos martirizados dos homens que trabalhavam e tudo produziam, brotou o sangue que deu a cor vermelha à luta pela liberdade.

CÉU

A notícia da revolta de Spartacus espalhou-se como o vento.

JOÃO

Por toda a parte nos revoltámos e fugimos. Perseguidos como animais selvagens, muitos morremos antes de atingir o Exército de Escravos de Spartacus, o primeiro exército de homens livres. Roma tremou. E enviou contra nós os seus generais mais famosos e milhares de soldados. Mas a nossa guerra era justa, e nada podia deter a nossa vontade de viver em liberdade, o nosso sonho de regresso aos países onde tínhamos nascido e onde tinham morrido os nossos pais e avós. Aí tínhamos o prado verde, o rio, a árvore frondosa, e muitas vezes a mulher amada.

CÉU

Roma tremou. E viu os seus generais presos e humilhados por homens que, sem possuírem a ciência da guerra, tinham a força e a violência da justiça e da razão.

23



JOÃO

Fomos quantos? 30 000? 50 000? Não sei. Nunca ninguém o soube. Éramos muitos, de todas as raças e de todas as idades. Corremos montes e vales, o sonho e a esperança deram-nos forças para combater durante muito, muito tempo.

CÉU

Spartacus foi morto e o seu exército dizimado, ao fim de vários anos de luta contra o Império Romano. Spartacus é o primeiro símbolo da revolta que atravessa a História da Humanidade, e que nunca se apagará enquanto existir a desigualdade social.

(De novo o «Coro dos Escravos»)

JOÃO

Spartacus foi derrotado porque fugiu com o seu exército para outras paragens, à procura de terra fértil para os milhares de homens que o seguiam; Spartacus foi derrotado depois de ter posto Roma de joelhos, acobardada e vencida;

(«Coro dos Escravos»)

Spartacus foi derrotado porque não atacou Roma, o centro das forças que o exploravam e oprimiam.

24

LUIS

Uma lição a não esquecer.

(Ainda no escuro ouve-se a voz de João, gritando:.)

JOÃO

— Liberdade! Independência!  
A tirania está morta!  
Proclamai-o pelas ruas!  
César está morto!

(Luz sobre Céu)

CÉU

Frases dos conspiradores que assassinaram Júlio César. Na famosa cena de Shakespeare, Marco António dirige-se ao povo<sup>(1)</sup>:

(Luz geral)

CORO

Liberdade!

LUIS

Amigosi!

(1) Condensação da cena II do 3.º acto da tragédia «Júlio César», de Shakespeare.

25

CORO

Independência!

LUIS

Romanos!

JOÃO

A tirania está mortal!

LUIS

Patrícios!

JOÃO

Proclamai-o pelas ruas: César está morto!

LUIS

Prestai-me atenção!

Eu vim para enterrar César, não para elogiá-lo.

O mal que os homens fazem vive depois deles.

O bem é quase sempre enterrado com os seus ossos.  
Assim seja com César.

*(Enquanto disse as frases acima, Luis sobe a um praticável. Mudança de luz, com um único foco sobre ele)*

26

O honrado Brutus disse que César era ambicioso; se isto é verdade, era um defeito grave.  
E gravemente César o pagou.

Aqui, — com a permissão de Brutus e dos demais — pois Brutus é um homem honrado, como eles todos são, todos homens honrados, eu venho falar no funeral de César.

Ele foi meu amigo, leal e justo:

mas Brutus diz que ele era ambicioso — e Brutus é um homem honrado.

Trouxe para Roma uma multidão de cativos, cujo resgate encheu o nosso tesouro.

Isto em César parecia ambicioso?

Quando os pobres gemiam, César chorava; a ambição deveria ser da matéria mais dura.

Mas Brutus diz que ele era ambicioso, — e Brutus é um homem honrado.

Não quero desmentir o que ele disse; falo apenas do que sei.

Todos vós o amastes, e não sem motivo;

que motivo vos impede agora de chorar por ele?

O Justicá! Foste morar com os animais selvagens

pois os homens perderam o raciocínio!

Ainda ontem a palavra de César podia enfrentar o  
[mundo;

mas agora al jaz

e ninguém tão humilde que o pranteie.

Se tendes lágrimas, preparai-vos agora para  
[derramá-las.

27



Todos vós conheceis este manto; eu me lembro da primeira vez que César o usou.

Olhai: por aqui penetrou a adaga de Cássio; vede o rasgão que fez o invejoso Casca.

Por aqui passou o punhal do bem amado Brutus e ao retirar o seu aço maldito

notai que o sangue de César o seguiu como correndo à porta, a fim de convencer-se de que era Brutus mesmo quem batia de modo tão

[cruel.

Pois Brutus, como sabeis, era o anjo de César.

Julgai, ó deuses, como César o amava.

Este foi o golpe mais cruel de todos,

pois quando o nobre César o viu apunhalando a ingratitude, mais forte que a mão dos traidores,

o derrotou completamente; aí o seu poderoso coração

[partiu-se

e escondendo o rosto nesse momento,

o grande César caiu aos pés da estátua de Pompeu que escorria sangue sem parar.

Oh, que horrível queda foi aquela, meus amigos!

Eu próprio, vós e todos nós caímos nesse instante enquanto a traição sangrenta crescia sobre nós.

Eu não vim aqui para acirrar paixões;

digo apenas o que sinto e é somente

o que todos vós sabeis;

mas fosse eu Brutus — e Brutus, António,

haveria aqui um António capaz de sacudir as almas, colocando uma língua em cada ferida de César, para erguer em revolta as pedras de Roma!

Pois este era um César!  
Como ele, quando outro haverá?

*(Escuro. Luz sobre Céu)*

CÉU

Se este homem insubstituível franze o sobrolho  
dois reinos estremecem.

Se este homem insubstituível morre

o mundo inteiro se atinge como a mãe sem leite para

[o filho.

Se este homem insubstituível ressuscitasse ao oitavo

[dia

não acharia em todo o império uma vaga de por-

[teiro. (9)

*(Primeiros compassos do Hino da Mocidade Portuguesa. João adianta-se, toma o lugar de professor de canto coral, dirigindo Céu, o cantor, os músicos e o coro)*

CANTOR

*(«A Oeste da Europa»)*

A Oeste da Europa

Bem juntinho ao oceano

Fica o nosso Portugal

Querido torrão Lusitano.

(9) Poema de Bertolt Brecht.



Em continente é pequeno  
nas colónias o terceiro  
o mais valente na guerra  
na descoberta o primeiro  
Dos valentes portugueses  
oiçamos a sua história  
Aos mouros e castelhanos  
alcançam sempre a vitória.

LUIS

*(Bem sério, mas neutro, autoritário)*

E aqui, antes de continuar este espectáculo, é necessário que façamos uma advertência a todos e a cada um. Neste momento, achamos fundamental que cada um tome uma posição definida. Sem que cada um tome uma posição definida, não é possível continuarmos. É fundamental que cada um tome uma posição, seja para a esquerda, seja para a direita. Admitimos mesmo que alguns fiquem no centro, fi- quem até de braços cruzados. Mas é preciso que cada um, uma vez tomada a sua posição, *fique nela!* Porque senão, meus amigos, as cadeiras do teatro rangem muito e se ninguém ficar na mesma posição, ninguém ouve nada!

*(Uma pausa. Depois, João fala)*

JOÃO

Mil e muitas mil são as liberdades humanas. Aqui vão algumas delas:

30

A fundamental: liberdade física, ser dono do pró- prio corpo, poder ir e vir livremente.

*(Música: canção «Liberdade de ir e vir»  
letra e música de José Mário Branco)*

CANTOR E CORO

Nesta maré que anda pra cá e pra lá  
não somos espuma nem ondas do mar  
mas podemos ser a tempestade a lutar  
nesta viagem que fazemos, já

Essa guerra enorme do outro lado do mar  
Vão homens lutar indo pra cá e pra lá  
são soldados que vão regressar, e é já  
vamos fazer uma tempestade, cá

Nesta maré-vaza que nos faz emigrar  
temos liberdade de ir e vir e calar  
não existe fronteira pra nos explorar  
não qu'remos essa liberdade cá

Essa liberdade de ir pra cá e pra lá  
dá para os patrões mas para o povo não dá  
separando a boa fronteira da má  
vamos e vimos pra combater, aqui e lá.

JOÃO

Depois dessa liberdade, que já é uma conquista do ser humano, a mais importante é a liberdade económica:

*(Música: canção «Liberdade económica»  
letra e música de José Mário Branco)*

31



CANTOR E CORO

Passo o dia a sonhar com lotaria e totobola  
Sorte grande, maná, charuto e cartola

Quem manobra o jogo é quem te explora  
Força camarada, luta agora.

Se eu tivesse dez mil contos comprava uma galola  
Um pó-pó e uma faca de ponta e de mola

Quem manobra o jogo é quem te explora  
Força camarada, luta agora

Quando chego do trabalho, fodido da cachola  
Janelinha azul, indigestão de anúncios e bola

Quem manobra o jogo é quem te explora  
Força camarada, luta agora

Vida inteira a trabalhar, meia rota e meia-sola  
E o patrão dá-me o salário como se fosse uma esmola

Quem manobra o jogo é quem te explora  
Força camarada, luta agora.

LUIS

O direito à habitação:

*(Música: canção «Casa Portuguesa», letra  
e música de José Mário Branco)*

32

CANTOR E CORO

Barracão de pau a pique  
Por detrás dum bairro chique  
Uma casa portuguesa  
Não é com certeza

Nossa casa portuguesa  
Pão e vinho sobre a mesa  
É trabalho com certeza  
Explorado com certeza

Trabalho das nossas mãos  
Fome dos nossos irmãos  
Construamos uma casa  
Portuguesa com certeza

Casa sem exploração  
O direito à habitação  
Contra a exploração burguesa  
Burguesia em campo rasa

Pão e vinho sobre a mesa  
Construamos nossa casa  
Portuguesa com certeza  
Portuguesa com certeza

JOÃO

A liberdade de profissão:

33

LUIS

Chiquinha, entra pra dentro!  
Entra pra dentro, Chiquinha!  
No caminho que você vai  
Você acaba prostituta!

— Deus te oiça, minha mãe...  
Deus te oiça...<sup>(6)</sup>

(Música: Samba «Conceição». Pantomima  
dos Actores após a 2.ª quadra)

CANTOR E CORO

Foi então que lá em cima apareceu  
Alguém que lhe disse a sorrir  
Que descendo à cidade  
Ela iria subir...

JOÃO

Outra conquista do ser humano: direito ao ócio.

LUIS

Hora de comer — comeri  
Hora de dormir — dormiri  
Hora de brincar — brincari  
Hora de trabalhar?

— Pernas pro ar que ninguém é de ferro! <sup>(7)</sup>

<sup>(6)</sup> «Predesignação», do poeta brasileiro Ascenço Ferreira  
(extraído de «Catimbo e Outros Poemas».)  
<sup>(7)</sup> «Filosofia», de Ascenço Ferreira (extraído do mesmo livro).

CÉU

Direito ao trabalho. Todos têm de trabalhar.

LUIS

— Sentindo que a violência  
Não dobraria o operário  
Um dia tentou o patrão  
Dobrá-lo de modo vário.  
De sorte que o foi levando  
Ao alto da construção  
E num momento de tempo  
Mostrou-lhe toda a região  
E apontando-a ao operário  
Fez-lhe esta declaração:

— Dar-te-ei todo esse poder  
E a sua satisfação  
Porque a mim me foi entregue  
E dou-o a quem bem quiser.  
Dou-te tempo de lazer  
Dou-te tempo de mulher.  
Portanto, tudo o que vês  
Será teu se me adorares  
E, ainda mais, se abandonares  
O que te faz dizer não.  
Disse, e fitou o operário  
Que olhava e que reflectia  
Mas o que via o operário  
O patrão nunca veria.



O operário via as casas  
E dentro das estruturas  
Via coisas, objectos  
Produtos, manufacturas.  
Via tudo o que fazia  
O lucro do seu patrão  
E em cada coisa que via  
Misteriosamente havia  
A marca de sua mão.  
E o operário disse: Não!  
— Loucural — gritou o patrão  
Não vês o que te dou eu?  
— Mentiral — disse o operário  
Não podes dar-me o que é meu. (8)

CANTOR E CORO

Ó patrão dê-me um cigarro  
Já não tenho pró tabaco  
O trigo que eu amanhã  
Fumando dá mais um saco. (9)

(Na cena que segue, Luis personifica o Operário, João o Patrão e Céu o Capataz (10))

(8) «O Operário em Construção» (fragmento), de Vinicius de Moraes (extraído de «Antologia Poética», 1960).

(9) Do folclore alentejano.

(10) Condensação do acto «As Duas Caras do Patrão», montado pelo «Teatro Campesino» em 1965.

OPERÁRIO

Bom dia. Estou a trabalhar na vinha, ganho mal, mas o que é que eu hei-de fazer? Com a falta de trabalho que anda por aí... Bem, o melhor é que eu vá trabalhar e me deixe de conversas, não apareça por aí o meu patrão. Olhai ali vem ele!

(Põe-se a trabalhar. Aparece o patrão, com charuto e chicote, sobretudo e máscara. Faz o ruído de um motor de automóvel. Pára e «desce».)

PATRÃO

Bom dia, rapazi!

OPERÁRIO

Bom dia, patrão.

PATRÃO

Esse trabalho vai?

OPERÁRIO

Vai, sim, patrão. (Trabalha mais energicamente)  
(Um momento de paragem. O patrão estira a cabeça o ritmo de trabalho do operário)

PATRÃO

Ouve lá. Já ouviste falar dos grevistas?

OPERÁRIO

Sim, patrão.

PATRÃO

O quê?

OPERÁRIO

São uns comunistas e essa greve é uma merda. São uns paspalhões que não trabalham porque não querem trabalhar. Uns madraços. Fazem a greve pela greve, só para prejudicar toda a gente e espalhar a confusão.

PATRÃO

Muito bem. Como te chamamas?

OPERÁRIO

Manel.

PATRÃO

Pois Manel, tu não sabes o que é a minha vida, o que são as minhas preocupações. Tu não tens problema nenhum, eu trato-te de tudo. Comes feijão e batatas que eu te dou, que é a comida que tu gos-

tas e que te faz bem, as minhas camionetas trazem-te para o trabalho, e até vives numa boa casa, que é minha.

OPERÁRIO

Ontem caiu a porta. Há ratos por todo o lado e cheira mal.

PATRÃO

Isso de vez em quando não faz mal nenhum. Eu quando vou à caça também não fico num hotel de luxo. Mas isso é como se fosse umas férias, e de borlai!

OPERÁRIO

Obrigado, patrão!

PATRÃO

Pois tu nem sabes os problemas que eu tenho. Estás a ver este carro? É bonito, não é? É um «Jaguar». Mas sabes quanto me custou? 300 contos! Já alguma vez passaste um cheque de 300 contos?

OPERÁRIO

Não, senhor.

PATRÃO

Pois digo-te que isso dói, e dói aqui. (Bate na carteira que está no bolso de trás das calças) E para



quê? Eu nem preciso de um carro destes! Podia deixar-lo fora!

OPERÁRIO

Eu fico com ele, patrão.

PATRÃO

Tira a mão! Anda aqui. Olha a minha casa. Ar condicionado, até parece a casa de campo do Tenreiro. Quanto julgas que custa construir uma casa de campo destas? Com piscina e tudo? 20 000 contos?

OPERÁRIO

Isso dá para muitos feijões, oh patrão!

PATRÃO

Ah! Eh, olha depressa. Estás a ver aquela loira de bikini?

OPERÁRIO

Que bikini?

PATRÃO

Aquela ali, ao pé da piscinal!

OPERÁRIO

Eu fico com ela.

40

PATRÃO

É boa mas eu é que sei o que me custa. Centenas de contos. Isto é que são problemas. Que tu não tens e por isso vives feliz. (*Torna-se sentimental*) Estes porcos dos comunistas dizem que eu não sei o que é o trabalho, que eu exploro os meus operários. Quem é que eles julgam que plantou estas vinhas de mãos nuas? Trabalhando ao sol e ao frio, com geada ou a nevar?

OPERÁRIO

Foi o patrão, foi o patrão!

PATRÃO

Não, foi o meu bisavô, foi ele que se gastou aqui. Mas eu herdei e hoje é tudo meu. (*Mudando de tom*) Para que queres tu um sindicato e mais dinheiro?

OPERÁRIO

Eu não quero nada disso, patrão!

PATRÃO

Tu queres ter os meus problemas? Ah, se eu pudesse trocava contigo! Sim, eu posso. Queres ser o patrão durante um dia, só um dia? Ahn?

OPERÁRIO

Eu? Não, não quero. Não posso.

41

PATRÃO

Cala a boca. Dá cá isso. *(Tira o chapéu e a enxada)* Então, rapaz. Cabeça para cima, queixo esticado, ar duro. Faz como se entrasses no gabinete do Presidente da Câmara e o quisesse pôr na rua.

*(O patrão dá-lhe o charuto e o chicote)*

OPERÁRIO

*(Com uma força inesperada)*

Olá, Toni, vamos a contasi!

PATRÃO

Está bom, mas ainda não chega. Pega isto e mais isto.

*(Dá-lhe o sobretudo e a máscara)*

OPERÁRIO

Não, não, isso não. Mas... *(começa a rir)* O patrão é como eui! *(Põe a máscara de costas para o público, vira-se e mostra-se forte e imponente)*

PATRÃO

*(Com medo mas continuando a brincar)*

Muito bem. Perfeito!

OPERÁRIO

Cala o bico e trabalha.

42

PATRÃO

Ainda é melhor assim.

OPERÁRIO

Já disse. Ao trabalho. *(Dá um pontapé no cu do patrão)*

PATRÃO

Estás a aprender depressa. Que grande actor, não acham?

OPERÁRIO

Anda cá.

PATRÃO

Sim, senhor, estou a perceber.

OPERÁRIO

Não te pago para que tu percebas. Pago-te é para trabalhares e bico calado. Estás a ver este carro? É meu.

PATRÃO

O meu «Jaguar»?

OPERÁRIO

É aquela casa, a piscina, a mulher, o bikini, esta vinha, isto é tudo meu.

43



PATRÃO

Tu és doido? E eu onde é que vou viver?

OPERÁRIO

Eu tenho uma bela casa para tu morares e dou-te feijões para comeres. E pago-te um conto de réis por mês. Chega.

PATRÃO

Mas isso nem me dá para morrer à fome! *(Para o público)* Com a vida cara como está, vá lá os seis contos por mês. Eu percebo muito bem. Não tenho pago tanto porque tenho todas estas despesas. Mas se pudesse pagava. Bem, rapaz. Já brincámos um bocado. Dá cá as minhas coisas.

OPERÁRIO

Tira a mão.

PATRÃO

Deixa-te de brincadeiras. *(Tenta agarrá-lo)*

OPERÁRIO

Vai-te embora daqui meu malandro. Oh capataz, oh capataz! *(Entra o capataz a correr)* Leva-me este comunista daqui, e que eu nunca mais o veja.

PATRÃO

Este comunista está-me a lixar. Quer-me roubar tudo o que eu tenho.

CAPATAZ

E o que é isso a dizer mal do patrão! Vais ver se falas tanto quando estiveres no xelindró.

PATRÃO

Oh grande estúpido, sou eu o teu patrão!

CAPATAZ

Estúpido, eu? Vais ver a carga de porrada que já apanhas.

*(Leva-o para fora de cena)*

OPERÁRIO

*(Tira a máscara do patrão e despe o sobretudo)* Pronto, o patrão já está aviado. Mas eu não vou ficar com nada do que é dele. Não preciso, porque estou na luta e tenho os meus camaradas. Só fico com o charuto. Até à vista. *(Punho no ar)*

*(Mudança de luz)*

CÉU

Sempre que mais de meia dúzia de pessoa se reúnem, a liberdade individual cede aos interesses

colectivos. O que está muito certo, pois o homem só é verdadeiramente livre quando a sua liberdade serve os interesses de todos.

JOÃO

Para isso, as Nações organizam constituições; e não só as Nações...

CÊU

Também as sociedades de recreio, os círculos de poetas, os movimentos feministas, e até o seu equívale masculino, com estatutos aprovados sob a designação de «Cartilha do Marialva».

LUIS

Artigo 1.º—Nos cuidados e empregos dos homens, não se metam as mulheres.

Artigo 2.º—Do homem a praça, da mulher a casa.

Artigo 3.º—É bom ocupar a mulher no governo doméstico; é bom e é necessário, para que esteja ocupada, e para que o marido tenha menos esse trabalho.

Artigo 4.º—Sofra o marido à mulher tudo menos ofensas; e a mulher ofensas e tudo.

JOÃO  
Assim disse D. Francisco Manuel de Melo, em 1651, citado por Cardoso Pires em 1960. (11)

CÊU

Retrato do Marialva lisboeta dos anos 60, pelo poeta Alexandre O'Neill:

LUIS E JOÃO

(cantam)

Nada nas mãos  
algo na v'rilha  
remancho as noites  
e troto os dias  
entre tabaco  
viris bebidas  
fraco mas forte  
de muitas vidas  
(que eu já dormi  
co'as duas mães  
e as duas filhas  
que vão à missa  
com três mantilhas)

(11) As quatro sentenças da fala anterior são extraídas da «Carta de Guia de Casados», de D. Francisco Manuel de Melo (1651) e vêm citadas por Cardoso Pires na «Cartilha do Marialva» (1960), de onde igualmente foram extraídos o excerto do Poema «Fraco mas Forte» de Alexandre O'Neill e a citação de Alvaro Ribeiro.



LUIJS

Ou, como escreveu (a sério) o filósofo português Alvaro Ribeiro, no ano da Graça de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1965:

CÊU

«O destino da mulher consiste em dedicar-se a um só homem, superiormente designado ou livremente escolhido, para lhe prestar obediência ou submissão, glosando as palavras do Evangelho: Eis aqui a escrava do Senhor! Faça-se em mim segundo a sua vontade!»

LUIJS E JOÃO

Amen.

(Escuro)

CÊU

(canta)

Lá porque és rico e elegante  
Queres que eu seja tua amante  
Por capricho ou presunção  
Eu tenho um marido pobre  
Mas que tem uma alma nobre  
Que é toda a minha paixão.<sup>(12)</sup>

(Luz sobre Luíjs e João)

<sup>(12)</sup> «Fado do Clúme».

LUIJS

Um marido que atraíçoa  
Todos acham natural  
Mas se é ela a enganá-lo  
O mundo não lhe perdoa.  
Da sentença desigual

A razão aqui direi:  
O mais forte faz a lei...

JOÃO

O acaso do nascimento  
Faz de um rei, de outro pastor.  
Todos sabem qual a mãe,  
O pai, não sabe ninguém.  
São os mistérios do amor.

CÊU

Com estes versos brejeiros, e de certo modo proféticos, termina a famosa comédia de Beaumarchais, *As Bodas de Figaro*, estreada no reinado de Luís XVI.<sup>(13)</sup>

<sup>(13)</sup> «As Bodas de Figaro» — cuja cena inicial do 1.º acto se condensa a seguir — estrearam-se em Abril de 1784, um ano depois da sua proibição. Transcrevemos a nota dos autores da versão brasileira deste espectáculo: «A importância deste texto para a história do teatro reside no facto de que os protagonistas são homens do povo, em cujas bocas o autor colocou insidiosas

LUIS

A corte de Luis XVI, ignorante e inconsciente, como todas as sociedades condenadas, riu a bom rir com esta peça e com cenas assim, sem perceber que o seu autor anunciava a «revolução em marcha».

*(A cena seguinte é interpretada por Céu na personagem de Suzana e João na de Figaro)*

FIGARO

*(Andando pelo palco como se estivesse medindo uma sala)*

Dezanove pés por... vinte e seis.

SUSANA

*(Experimentando a flor de laranjeira)*

Figaro, ouve, meu noivo querido: achas que fico bem assim?

FIGARO

Linda, meu amor; essa flor de laranjeira nos teus cabelos, na manhã das nossas núpcias, é uma visão de doçura e encanto para o teu esposo apaixonado.

e subversivas observações sobre a classe dominante. Os autores colocam Beaumarchais no seu espectáculo também por um motivo de gratidão: foi ele o criador (em 1777) das Sociedades de Autores que, no mundo inteiro, defendem os direitos dos que trabalham para o teatro.\*

*(Dá-lhe um beijo e depois continua a medir)*

SUSANA

Que estás tu a medir?

FIGARO

Estou a ver se a magnífica cama que o senhor conde nos deu de presente vai caber aqui.

SUSANA

Neste quarto?

FIGARO

O senhor conde cedeu-nos o quarto.

SUSANA

E quem vai dormir aqui? Eu não!

FIGARO

Porquê? Este é o quarto mais confortável do palácio. Fica exactamente no meio dos aposentos do senhor conde e da senhora condessa. Assim, se a senhora condessa se sentir indisposta às duas da manhã — zási num salto estás no quarto dela. E se à noite o senhor conde deseja alguma coisa — craci — em três saltos eis-me diante dele.



SUSANA

Muito bem! Mas se de manhã cedo ele te manda levar um recado bem longe, zási — em três saltos está à minha porta e craci! — num salto está na minha cama.

FIGARO

Que queres tu dizer com isso?

SUSANA

Que o senhor conde, cansado de namorar todas as beldades das redondezas, deseja voltar para o castelo, para o lar... mas não para o quarto da sua esposa. Compreendes agora? (*Cara espantada de Figaro*) Pois tu pensavas, meu divino amor, que o dote que ganhámos foi pelos teus lindos olhos? (*Cara imbecil de Figaro*) Fica sabendo que o dote era para que eu concedesse ao conde um pequeno quarto de hora; o direito de pernada dos antigos senhores!

FIGARO

Mas esse direito foi abolido! Se o próprio conde não tivesse abolido esse... raio de costume dos seus antepassados, eu não me casaria contigo nos seus domínios.

SUSANA

Bem, se aboliu, já desaboliu outra vez. E é com a tua noiva que esta noite ele deseja, em segredo, restaurar a lei.

FIGARO

Assim o libertino deseja obter hoje o que a certimónia só me permitirá a mim amanhã? É tal a minha fúria que me sinto inchar a testai (*Leva a mão à testai*)

SUSANA

(*Rindo*)

Não digas isso a ninguém! As pessoas são mal intencionadas e podem pensar que...

FIGARO

Tu ris-te? Pois bem! Já estou a magicar numa maneira de enganar o enganador e agredi-lo com os chifres com que quer presentear-me. Vem cá, dá-me um beijo para aguçar o meu engenho. (*Beijam-se; ela sai*) Ah, senhor conde! Senhor conde! Quer então que eu me case para saciar a sua gula? E enquanto eu corro por um lado, o senhor empurra a minha mulher pelo outro? Enquanto eu me esfalto como um louco pelo conforto e bem-estar da sua família, V. Ex.<sup>a</sup> digna-se interessar-se pelo crescimento e multiplicação da minha? Que generosa reciprocidade!

(*Ouve-se gritar: Liberdade! Igualdade! Fraternidade! Logo em seguida, João, cantor, coro e conjunto cantam: «Ah, ça ira» — 1.ª quadra*)

(*Escurecimento rápido. Depois, foco de luz sobre Luís*)



LUIS

O famoso escândalo do colar de diamantes trouxe à tona o profundo ódio que as loucuras de Maria Antonieta haviam levantado contra ela que disse certa vez: «O povo não tem pão para comer?1 Pois então coma bolacha!» A declaração de falência total do Estado foi considerada culpa dela. E a Revolução começou.

*(Foco de luz desloca-se e vai incidir sobre cantora e coro)*

CANTORA

Ah, ça ira, ça ira, ça ira,  
Os aristocratas vão prà força,  
Ah, ça ira, ça ira, ça ira,  
Os aristocratas vão morrer...

*(Foco sai da cantora e acende-se sobre João e Céu)*

JOÃO

Audácia, mais audácia, sempre audácia! — gritou um dia Danton!

CÉU

O Estado sou eu — proclamava Luis XIV.

JOÃO

Depois de mim, o dilúvio — disse um dia Luis XV.

54

CÉU

E a França preparava-se para executar Luis XVI; por isso a Assembleia Francesa ouvia com todo o respeito e em silêncio o Dr. Guillotin.

*(Volta luz geral na cena)*

LUIS

«Com o aparelho que modestamente apresento a esta Assembleia, humanizamos o processo da morte. O mecanismo abre-se automaticamente. A lâmina cai como um raio. A cabeça salta; o sangue jorra; era uma vez um homem. Criminoso e carrasco lucram ambos com este processo. E acabamos também com o odioso privilégio de só os nobres serem decapitados. A pena de morte será igual para todos, isto é: democrática.»

CÉU

Segundo a nossa fonte histórica que utilizámos para o caso, o doutor Guillotin também foi... democratizado.

JOÃO

Enfim, em épocas difíceis é assim mesmo: só não corre risco quem não tem pescoço...

CORO

Queremos pão, queremos pão, queremos pão...

55



*(O coro prossegue repetindo «queremos pão», em fundo, enquanto seguem as frases)*

JOÃO

Morte ao Rei! Viva a República!

CÉU

Estamos aqui pela vontade do povo e só sairemos daqui pela força das baionetas! <sup>(14)</sup>

LUIS

Abomino a violência, mas quando penso que actualmente há no reino de França quinze milhões de homens na miséria, prestes a morrer de fome, e que o governo depois de os reduzir a essa condição horrível os abandona, o meu coração aperta-se de angústia e revolta-se de indignação. <sup>(15)</sup>

JOÃO

O governo deve ter como fim a felicidade pública. A natureza criou os homens livres e iguais nos seus direitos. <sup>(16)</sup>

CÉU

Liberdade, liberdade, quantos crimes se cometem em teu nome! <sup>(17)</sup>

<sup>(14)</sup> Mirabeau.

<sup>(15)</sup> Marat.

<sup>(16)</sup> Artigos 1.º e 3.º do decreto de 4 de Agosto de 1789.  
<sup>(17)</sup> Madame Roland.

LUIS

Robespierre é um traidor!

JOÃO

Marat é um traidor!

CÉU

Danton é um traidor!

LUIS

Viva a Revolução!

JOÃO

A Revolução acabou!

LUIS

A Revolução só pode acabar quando os homens atingirem a perfeição da felicidade. <sup>(18)</sup>

*(Mudança de luz.)*

*O texto que segue é dito em pontos diferentes da sala pelos três actores ao mesmo tempo)*

<sup>(18)</sup> Saint-Just.



Oigam todos, oigam todos! Aproximem-se! Ve-nham ouvir como é que nós, o povo de Paris, tomámos a Bastilha. Mas antes de contar é preciso que saibam como é que as coisas começaram, sim, porque isto não foi assim uma ideia que nos deu de repente, não foi a gente acordar um belo dia e pensar «o que é que vamos fazer hoje? e se fôssemos tomar a Bastilha?» Nada disso, a coisa aconteceu depois duma data de sofrimentos e desgraças que eu tenho de lhes contar. Em Maio de 1789, houve a Reunião dos Estados Gerais, e para todos nós, para todo o povo, foi uma grande esperança que nasceu. A gente acreditou que tudo ia mudar, que as nossas desgraças iam acabar, e—vejam lá—ingenuamente até chegámos a ter confiança no rei. Mas os dias foram passando, depois as semanas, e as coisas continuaram na mesma. Nós na miséria e o rei a lixar-nos. Cada vez mais. Não sei se se lembram que as colheitas de 1788 tinham sido muito más, e que o inverno foi longo e muito rude. A fome estendeu-se dos campos a Paris, não havia pão nas padarias, as crianças morriam às centenas. E o rei, em vez de remediar este estado de coisas, o que fez foi aproveitar-se dele para nos dominar ainda mais. O trigo,

(19) Texto inspirado no episódio da Tomada da Bastilha do espectáculo que o «Teatro do Sol», dirigido por Ariane Mnouchkine, montou em 1970 com o título «1789».

a farinha, todos os géneros que nos faltavam eram requisitados para Versalhes, o rei, a rainha e a corte enchiam-se enquanto a gente apertava o cinto! O rei às vezes aparecia a falar à gente, dizia que nós éramos a sua família, mas a gente pensava: que raio de conversa é esta, e que raio de família em que só uns é que comem e os outros nada! Não contente com isso mandou cercar Paris por soldados, mas não eram soldados franceses, não, que esses não iam no embrulho e acabavam por confraternizar com a gente, porque esta sim, esta é que é a verdadeira família, o povo e os soldados juntos! Não senhor, eram soldados estrangeiros, eram mercenários, e além disso havia também espíões por todo o lado, a vigiar-nos, a seguir-nos, a ouvir o que dizíamos, e às duas por três, zási um de nós desaparecia e que é que é feito dele? ninguém mais voltava a pôr-lhe a vista em cima, e bico calado que se queres saber muitas coisas ainda é pior. Vai daí, a gente, que já andava assustadíssima, e era isso o que o rei queria, ficou ainda mais assustada quando o rei mandou embora o único ministro da sua corte em que a gente tinha confiança, porque nos defendeu sempre e acreditávamos nele, talvez não fosse muito diferente dos outros, mas enfim, sempre dizia umas coisas enquanto os outros quando abriam a boca era só para comer. E então a gente resolveu manifestar-se, disse que não achava bem, que já era fazer pouco demais de nós. Assim, pacificamente, sem armas nem coisa nenhuma. Só disse-mos isto: temos fome, não queremos morrer, não que-



remos que mandem embora quem nos defende e está por nós. E fomos para a rua, em grupos, vinham uns dum sítio, outros doutro, e íamo-nos juntando uns aos outros, por sinal que até estava um lindo domingo de sol, tínhamos levado as mulheres e as crianças e vai senão quando vêm eles de lá com cavalos, com sabres, com baionetas, e zâsi em cima da gente, eles era quem podia dar mais, nós era quem mais fugir podia, e gritos, e choros, e sangue, e gente pisada e ferida, e os cavalos empinados, eu sei lá! aquilo só visto. De repente, os sinos de Paris começaram a tocar a rebate, todos os sinos ao mesmo tempo, os canhões dispararam a prevenir os outros, os que tinham ficado em casa, e cada vez vinha mais gente para a rua, e cada um trazia o que podia arranjar, paus e pedras da calçada, mas o que é que a gente podia fazer só com paus e pedras contra as armas que eles tinham? Então assaltámos as lojas dos armeiros e trouxemos cá para fora tudo o que lá havia: velhas espingardas, escopetas, canhões que deviam ser do tempo da guerra dos cem anos... Mas faltava-nos a pólvora e as balas, de que serviam as armas sem pólvora nem balas? Foi nesta altura que começou a constatar que na prisão de Bastilha havia um grande depósito de munições e toca a correr para lá, mas quem é que diz que eles nos entregaram as munições? é o entregasi e desataram a disparar sobre nós, houve mortos e feridos, mas a gente que tinha chegado até ali, para trás é que já não podia ser e então dissémos: se não vai a bem vai a mal!

E foi! A Bastilha rendeu-se, tomámos a Bastilha!  
Viva a Revolução!

(Música)

JOÃO

A Revolução Francesa legou-nos a primeira Declaração dos Direitos do Homem, em que se proclamam princípios fundamentais da nossa vida civil de hoje:

CÉU

Liberdade individual:

JOÃO

Julgamento por júri:

CÉU

Abolição da escravatura:

JOÃO

Direito de voto:

CÉU

Soberania da Nação:

JOÃO

Fiscalização dos impostos pelo povo:

61



CÉU

E influenciou todos os movimentos de libertação posteriores na Europa,

JOÃO

na Ásia,

CÉU

na África,

JOÃO

nas Américas.

CÉU

Na sua peça *A Morte de Danton*, o dramaturgo alemão Büchner retrata a essência da revolução e os seus elementos humanos. <sup>(20)</sup>

*(Mudança de luz, criando o clima para a cena. Luz geral)*

JOÃO

Fizeste melhor figura no Tribunal do que aqui na cadeia, Danton. — Gritaste bem alto no Tribunal: «No campo de Marte declarei guerra à monarquia; no dia 10 de Agosto venci-a, no dia 25 de Janeiro

<sup>(20)</sup> A cena que segue é uma montagem de vários passos do drama de Büchner, escrito em 1835.

matei-a; e aos reis de todo o mundo atirei a cabeça decepada de outro rei, como uma luva em sinal de desafio!». «Com o ouro dos ricos a minha voz forjou armas para o povo. Alimentei a cria recém-nascida da revolução com as cabeças decepadas dos aristocratas!» Foste brilhante, Danton.

LUIS

Nem por isso deixarei de morrer, Lacroix.

JOÃO

Mas é a glória eterna, Danton. Pelos séculos fora não-de representar essa cena, mostrando-te como um herói.

LUIS

Prepara-te tu também. Glória ou não glória, já ouço os passos do carrasco; vem buscar as nossas brilhantes cabeças.

JOÃO

Eles têm medo de ti, Danton; é por isso que vão matar-te.

LUIS

*(Vendo Céu que dorme)*

Repara como Júlia dorme. Eu gostaria de ter a mesma serenidade.

JOÃO

A serenidade está em Deus. Em breve a terás.



LUIS

Para mim não há Deus nem serenidade; sou ateu.

JOÃO

Eu não queria morrer. Oh, quem pudesse não morrer, como diz a canção!

LUIS

(Levantando-se)

Também eu não quero morrer, Lacroix! Não podemos desaparecer! Temos de gritar bem alto! (Grita) Eles terão que arrancar cada gota do meu sangue, uma a uma! (Pausa. Vê Céu) Oh, tudo o que conseguimos foi acordar Júlia. (Debruça-se sobre ela) Júlia, minha querida. Estás encharcada em suor. O teu corpo treme.

CÉU

Tive um pesadelo horrível. Não falta muito para eu perder o resto de razão que ainda tenho. Não quero dormir, não quero enlouquecer.

LUIS

Eu queria morrer de outra maneira; sem fadiga, sem dor, assim como cai uma estrela, como expira um som, morrer como morre um raio de luz em águas límpidas. (Ouve-se um ruído. Luis levanta-se atento) Quem vem lá?

64

CÉU

O carrasco.

JOÃO

Agora a liberdade vai honestamente deitar-se com Robespierre. Mas a esse não lhe dou mais que seis meses de vida; não tarda muito que vá fazer-nos companhia.

CÉU

Que importa agora isso? Nós todos podíamos ter sido amigos, podíamos ter rido juntos...

LUIS

Quando um dia a História abrir as nossas sepulturas, o despotismo ficará sufocado com o fedor dos nossos cadáveres. E os tiranos partirão a nuca tropegando nos nossos túmulos.

JOÃO

Façamos uma cara digna para a Posteridade. Chegou a nossa hora.

CÉU

Vamos, Danton, coragem!

LUIS

As rodas da carroça que nos leva à guilhotina abrem as estradas por onde os inimigos vão pene-

65

trar no coração da França. É a ditadura. Rasgou o seu véu, levanta a cabeça, marcha sobre os nossos cadáveres...

JOAO

(Depois de longa pausa, levanta a cabeça e canta baixinho)

Allons enfants de la Patrie...

CEU

(Também depois de pausa)

Le jour de Gloire est arrivé...

LUIS

(Mesmo jogo)

Contre nous de la tyrannie...

OS TRES

(Mais forte)

L'étendard sanglant est levé... (Repetem)

(Mudança de luz; os três permanecem juntos no centro do palco, com um único foco)

66

de luz sobre eles; entra o coro e o con-  
junto musical)

TODOS

Entendez-vous dans les campagnes  
Mugir ces féroces soldats?  
Ils viennent jusque dans nos bras  
Égorger nos fils et nos compagnes!  
Aux armes, citoyens!  
Formez vos bataillons!  
Marchons, marchons!  
Qu'un sang impur  
Abreuve nos sillons!

LUIS

Um fenómeno como este nunca será esquecido na História do mundo, pois revelou no fundo da natureza humana uma possibilidade de progresso moral que nenhum politico até então havia suspeitado sequer. Mesmo se o objetivo final não for alcançado, estas primeiras horas de liberdade nada perdem do seu valor. Um acontecimento como este é tão grande, prende-se tão intimamente com os interesses da humanidade, influenciou tanto o mundo inteiro, que outros povos noutras circunstâncias não deixarão de recordá-lo e de recomegar a experiência.<sup>[21]</sup>

[21] E. Kant, "O Conflito das Faculdades" (1798).

67



CANTORA

Não há machado que corte  
a raiz do pensamento  
porque é livre como o vento  
porque é livre. <sup>(22)</sup>

CÉU

A liberdade não é surda-muda nem paralítica, ela vive, fala, bate as mãos, ri, assobia, clama, ela vive da vida.

LUIS

Mas afinal o que é a liberdade? Apesar de tudo o que já se disse e de tudo o que dissemos sobre a liberdade, muitos dos senhores ainda estão naturalmente convencidos de que a liberdade não existe, que é uma figura mitológica, uma pura imaginação do homem. Mas eu garanto-lhes que a liberdade existe. Não só existe, como é feita de cimento e de cobre e tem cem metros de altura. Ela foi doada aos americanos pelos franceses em 1866, isso porque naquela época os franceses tinham liberdade a mais e os americanos não tinham nenhuma. Recebendo a liberdade dos franceses, os americanos colocaram-na à entrada do porto de Nova Iorque. Esta é portanto a verdade indiscutível. Até hoje a liberdade não *perdeu*... no território americano.. Quando Bernard

<sup>(22)</sup> Fragmento do poema «Livre», de Carlos de Oliveira, posto em música por Fernando Lopes-Graça.

Shaw estive nos Estados Unidos foi convidado a visitar a liberdade, mas recusou-se afirmando que seu gosto pela ironia não ia tão longe. Aquelas coisas em bico na cabeça da liberdade ninguém sabe o que sejam. Talvez seja uma previsão de defesa anti-aérea. Coroa de louros certamente não é. Antigamente era costume coroar-se os heróis e os deuses com coroas de louros. Mas quando os franceses doaram a liberdade aos Estados Unidos, nós portugueses já tínhamos desmoralizado o louro, pondo-o às portas das tabernas para anunciar o vinho novo. A confusão da monumental efígie custou à França trezentos mil dólares. Recebendo a liberdade dos franceses, os americanos fizeram-lhe um pedestal que, sendo americano, custou muito mais caro do que a própria estátua: quatrocentos e cinquenta mil dólares. Assim, a liberdade põe em cheque a afirmativa de alguns amigos nossos, que dizem de boca cheia e usando uma frase importada, que o «Preço da Liberdade é a Eterna Vigilância». Não é. Como acabamos de demonstrar, o preço da liberdade é de setecentos e cinquenta mil dólares. Isso há quase um século atrás. Porque actualmente o Fundo Monetário Internacional, com a desvalorização da moeda, calcula o preço da nossa liberdade em algumas bases militares e em vários jazigos de minerais de interesse bélico.

*(Escuro. Entra em fundo a voz gravada de Paul Robeson. A música desce enquanto Céu declama)*

CÉU

Eu também canto a América  
Sou o irmão mais escuro.  
Mandam-me comer na cozinha  
quando vem gente de fora;  
mas eu rio-me  
e como à minha vontade  
para ficar mais forte.

Amanhã  
sentar-me-ei à mesa  
com os que vêm de fora.  
Ninguém então ousará  
dizer-me  
que vá comer na cozinha.  
Verão como sou belo.  
Sentirão vergonha.

Eu também sou a América. <sup>(23)</sup>

*(Apaga-se o foco de luz e reacende-se sobre João)*

JOÃO

Este poema é de Langston Hughes. E quem cantou foi Paul Roberson. Dois artistas que colocaram a sua arte ao serviço do grande movimento de libertação dos negros americanos — a Campanha pelos Direitos Civis.

<sup>(23)</sup> «I, too», poema de Langston Hughes.

*(Apaga-se o foco de luz sobre João; acende-se sobre o cantor)*

CANTOR

If you miss me at the back of the bus  
you can't find me nowhere  
Look for me in the front of the bus  
I'll be sitting over there.

CORO

I'll be sitting over there, oh  
I'll be sitting over there, oh oh  
I'll be sitting over there, oh  
I'll be sitting over there.

CANTOR

If you miss me at the cotton field  
You can't find me nowhere  
Look for me in the City Hall  
I'll be voting over there.

I'll be voting over there, oh  
I'll be voting over there, oh oh  
I'll be voting over there, oh  
I'll be voting over there. <sup>(24)</sup>

<sup>(24)</sup> Cangaço folclórica arranjada por Pete Seeger.



(Apaga-se o foco sobre o Cantor e acende-se em Céu. A música prossegue em fundo)

CEU

Vocês ouviram uma "freedom song" — canção de liberdade — cantada em todo o território americano pela igualdade de negros e brancos.

(Luz geral na cena. João vai ao centro)

JOÃO

Primeiras palavras da Declaração da Independência Americana. Afirmamos que estas verdades são evidentes por si mesmas; que todos os homens nascem iguais e são dotados pelo Criador de certos direitos inalienáveis e que entre estes direitos estão a vida, a liberdade e a procura de felicidade. (20)

(Apaga-se a luz geral e acende-se reflector sobre o cantor e o coro)

CANTOR E CORO

Superamerican, when the living is easy  
Your daddy is jumping and the cotton is high  
So hush, little baby don't you cry... (21)

(20) A "Declaração da Independência Americana" data de 4 de julho de 1776 e foi assinada por George Washington. A versão dada é do Thomas Jefferson.

(21) "Superamerican", música de abertura da ópera "Porgy and Bess", de Lorraine Hansberry (1958).

(Apaga-se o reflector sobre o cantor e acende-se sobre João)

JOÃO

Acontece que na discussão final da Declaração da Independência Americana, foi cortado o artigo em que se condenava a escravatura. A questão racial nascia assim com o país.

CEU

Passados duzentos anos o problema subsiste ainda, provocando a fúria do tranqüilo Dr. Martin Luther King, Prémio Nobel da Paz, que seria assassinado pouco tempo depois de proferir estas palavras:

LUIS

"A segregação racial é o fruto do conluínio da desumanidade com a imoralidade. Não podemos tratá-la com a vaselina da contemporização".

(Sal a luz geral, acende-se reflector exclusivamente sobre o cantor)

CANTOR

Mine eyes have seen the glory of the coming of my  
[Lord

He is trembling

As he died to make men holy, let us die to make  
[men free

His truth is marching on...

CORO

Glory, glory, haleluiah!  
Glory, glory, haleluiah!  
Glory, glory, haleluiah!  
His truth is marching on!

*(Mudança de luz, do cantor para João,  
O coro prossegue cantando enquanto ele  
fala)*

JOÃO

Em 1863, em plena Guerra Civil Americana, Abraham Lincoln dirigiu-se a Gettysburg, local da maior batalha dessa guerra, e ali pronunciou um discurso que durou apenas dois minutos.

CÉU

Ele pensava que as suas palavras se perderiam na poeira do tempo, mas há mais de um século o mundo ainda repete a sua definição de liberdade:

*(Mudança de luz. O foco apaga-se sobre João e Céu e acende-se sobre Luís. O coro cessa de cantar)*

LUÍS

Há 87 anos os nossos pais fundaram neste continente uma Nação nova, assente na liberdade e baseada no princípio de que todos os homens nascem

iguais. Agora estamos empenhados numa grande Guerra Civil para decidir se esta Nação — ou qualquer outra orientada pelos mesmos princípios — poderá sobreviver. Estamos reunidos num grande campo de batalha, e viemos aqui para consagrar a memória daqueles que deram a sua vida pela sobrevivência desta Nação. O mundo esquecerá depressa estas palavras; mas jamais poderá esquecer-se do que eles aqui fizeram. Quanto a nós, os que estamos vivos, cabe dedicar-nos à obra incompleta que os que lutaram aqui levaram já tão longe. Por isso declaramos que esses mortos não morreram em vão; que esta Nação, sob a protecção de Deus, renascerá para a liberdade, e que o governo do Povo, pelo Povo e para o Povo, nunca mais desaparecerá da face da Terra. (27)

CÉU

Ó Luís, tu já pensaste como é que o Lincoln se deve estar a sentir lá na estátua dele em Washington, depois das broncas do Vietnam e do Watergate?

(27) Condensação do discurso de Abraham Lincoln conhecido por «The Gettysburg Address».



(Escuro. Foco de luz sobre o cantor)

CANTOR

Naquele tempo  
num lugar todo enfeitado,  
nós ficava amuntado  
pra esperá os compradô...  
No mesmo dia  
em que levaram minha preta  
me botaro nas grilheta  
que é pra mode eu não fugi... (28)

(Prosegue cantarolando, enquanto a luz  
geral da cena se acende)

CÊU

Esta canção revela exactamente as condições de  
vida dos escravos no Brasil no século XVIII.

JOÃO

Qualquer tentativa de libertação dos negros era  
castigada com crueldade inimaginável. Em 1751, 20

(28) «Leilão», letra de Joracy Camargo e música de Hechel  
Tavares (Fragmentos).

regressar de uma expedição contra índios e escravos  
em fuga, Bartolomeu Bueno do Prado voltou trazendo  
consigo 3900 orelhas de negros que exterminou. (29)

CÊU

3900?

JOÃO

São só 1950 negros!

CÊU

Xiçai

JOÃO

Um bom puxão de 3900 orelhas não faz mal a  
ninguém.

CÊU

Pois não... Só a 1950 pretos.

LUIS

Em 21 de Abril de 1792 o alferes Joaquim José da  
Silva Xavier, por alcunha o «Tiradentes», foi enfor-

(29) Transcrito de «Nobiliárquia Paulistana», antologia orga-  
nizada por Edison Carneiro.

cado no Rio de Janeiro, depois de fraccassada a primeira tentativa para tornar o Brasil independente. O seu corpo foi esquartejado, os membros espalhados pelo caminho e a sua cabeça exposta em Vila Rica de Ouro Preto. Trinta anos depois, o Brasil proclamava a sua independência.

*(Todos cantam um fragmento do Hino da Proclamação da República Brasileira, brevemente cortado por rajadas de metralhadoras. Novo corte de som e de luz. Silêncio)*

JOÃO

*(No escuro)*

4 de Fevereiro de 1961. Angola pega em armas para lutar pela sua independência.

CÉU

As casas, às nossas lavras,  
às praias, aos nossos campos,  
havemos de voltar. <sup>(30)</sup>

JOÃO

Depressa o Movimento de Libertação se estende a Moçambique e à Guiné.

<sup>(30)</sup> \*Havemos de Voltar\*, poema de Agostinho Neto. O poema é dito integralmente no final do acto.

LUIS  
As nossas terras  
vermelhas do café  
brancas do algodão  
verdes dos milharais  
havemos de voltar.

JOÃO

Mas a repressão, feroz, não se faz esperar.

*(Canção: «Munangambê», que continua depois em fundo)*

CANTOR

Naquela roça que não tem chuva  
é o suor do meu rosto que rega as plantações.  
Naquela roça grande tem café maduro  
E aquele vermelho-cereja  
são gotas do meu sangue feitas seiva.

O café vai ser torrado  
pisado  
torturado  
vai ficar negro da cor do contratado.

MUNANGAMBÊ  
MUNANGAMBÊ <sup>(31)</sup>

JOÃO

«Rapidamente e em força», são mandadas tropas para África.

<sup>(31)</sup> Poema de António Jacinto.



CÊU

E muitos dos que partiram não voltaram, e muitos dos que vieram, vieram mutilados no corpo ou no espírito, e muitos preferiram o exílio a terem que matar.

JOÃO

E assim durante anos e anos manteve-se uma guerra que custou a Portugal metade do seu organismo e milhares de vidas humanas...

CANTOR E CORO

Já lá vai Pedro soldado  
Num barco da nossa armada  
E leva o nome bordado  
Num saco cheio de nada.

Não é Pedro pescador  
Nem no mar vindimador  
Nem soldado vindimando  
Verde vinha vindimada. <sup>(12)</sup>

JOÃO

Uma guerra que «não se podia discutir», porque nos era «imposta do exterior».

<sup>(12)</sup> «Pedro Soldado», poema de Manuel Alegre, música de Adriano Correia de Oliveira (1.<sup>a</sup> e última quadras).

LUIS

Aos nossos rios, nossos lagos,  
às montanhas, às florestas,  
havemos de voltar.

JOÃO

Mas além deste canto, Agostinho Neto, poeta, presidente do M.P.L.A., dizia:

CÊU

«Não combatemos o branco só porque ele é branco. Não é a cor da pele que determina a consciência do homem. O que nós desejamos é estabelecer uma sociedade nova, onde negros e brancos possam viver em conjunto.»

LUIS

Palavras idênticas às de Amílcar Cabral, «leader» do P. A. I. G. C., assassinado pelo fascismo.

CÊU

«Nós não lutamos contra o povo português, mas apenas contra o colonialismo português.»

JOÃO

Uma guerra que «não se podia discutir» porque «a Pátria não se discute», e só os inimigos da Pátria a podem considerar injusta.

LUIS

«Por uma questão de temperamento, de educação e de formação religiosa, sou contra métodos violentos e fraudulentos. Creio que a língua foi dada aos homens para se entenderem e que todas as divergências deveriam ser resolvidas por métodos pacíficos e democráticos e através de negociações. Na minha qualidade de sacerdote e de africano e de natural desta terra, tenho dos problemas que preocupam este povo um conhecimento directo, e por assim dizer vivencial. E vivo-os com a sensibilidade particularmente aguda de quem se sente deles solidário pelas vozes do sangue e pelas amarras da História.»<sup>(32)</sup>

JOÃO

Assim falou no Tribunal Plenário de Lisboa, onde em 1971 respondeu por atentar contra a segurança do Estado, o padre Joaquim Pinto de Andrade, natural de Angola.

CÉU

Preso em 1960 e desde então até à data do seu julgamento encarcerado durante 3 anos e com residência fixa durante os restantes 8 anos.

<sup>(32)</sup> Extratido do livro «Em Defesa de Joaquim Pinto de Andrade».

JOÃO

«Apenas — como disse o seu advogado — pelo crime de ser negro, angolano, culto e não subviente.»

CÉU

E sacerdote — circunstância agravante!

LUIS

(Com unção)

Ah! se já nem podemos ter confiança na Igreja!

JOÃO

30 de Dezembro de 1972. Um grupo de cristãos, depois de celebrada a missa na Capela do Rato, decidiu permanecer no local meditando sobre o problema da Paz e à procura dos seus caminhos possíveis.

CÉU

Até que a polícia os expulsou e prendeu.

LUIS

(Raivosamente)

«Era uma atitude política, o Governo tinha de intervir!»



CEU

Para amenizar o nosso espectáculo, vamos agora intercalar um pequeno episódio cómico que realmente teve lugar uns dias após os acontecimentos da Capela do Rato. O lugar da acção é a Assembleia Nacional. A data, 10 de Janeiro de 1973.

JOÃO

Toda e qualquer semelhança entre as personagens que vão intervir nesta cena e figuras da vida real. NÃO é pura coincidência.

VOZ

(Off)

Tem a palavra o sr. deputado Miller Guerra.

LUIS

«Em nome da Fé o crente pode ser levado a defender por exemplo a Ilberdade de palavra e de reunião e a protestar contra a injustiça. Se o Estado lhe nega esses direitos, a Ilberdade religiosa não existe. E se ainda houvesse quem alimentasse dúvidas a esse respeito, ficou plenamente elucidado depois dos acontecimentos da Capela do Rato. A Ilberdade religiosa entre nós é pura e simplesmente uma ficção.»

JOÃO E CEU

(Com máscaras)

Não apoiado! Não apoiado!

84

LUIS

«... E aqui, nesta terra glorificada pela fidelidade à Igreja, os católicos reunidos numa capela para discutirem a justiça, a paz e a guerra são expulsos do templo...»

JOÃO

«V. Ex.ª não pode estar nesta Assembleia a criticar a acção militar dos nossos soldados em defesa do Ultramar.» (À parte, a Céu) Tens aí as cotações da pesca?

LUIS

«V. Ex.ª pediu a palavra para me interromper?»

JOÃO

«Não preciso de pedir a palavra para defender o meu país.» (A Céu, impaciente) Então as cotações da pesca?

CEU

Só tenho aqui as do gás. (Para Luis) «Eu queria fazer uma pergunta a V. Ex.ª. Eu não estou na Igreja, estou na Assembleia Nacional e faço-a: V. Ex.ª acha bem e concorda que se discuta a presença de Portugal no Ultramar?»

LUIS

«Acho, sim senhor. Não só na Igreja como em qualquer outra parte.»

85

CÉU

«Então não preciso de mais nenhuma resposta, V. Ex.ª para mim está politicamente definido, e de uma vez para sempre.»

JOÃO

«Tristemente definido!»

LUIS

«Ainda bem, senhor comandante.»

JOÃO

«Comandante não, almirante.» (A Céu) As coti-  
ções!...

LUIS

«Desculpe, senhor almirante. Se me dá licença eu vou continuar. Não basta ao Governo privar os fiéis de liberdade...»

JOÃO

«Não apoiado!»

LUIS

«Não? É mentira?»

JOÃO

«Não é mentira, mas não apoiado!»

86

JOÃO E CÉU

Não apoiado! Não apoiado! (34)  
(Mudança de luz.)

LUIS

O Papa João XXIII, na encíclica «Paz na Terra», disse: «Uma vez que todos os povos já proclamaram ou estão para proclamar a sua independência, acontecerá que brevemente deixará de haver povos dominadores e povos dominados. Hoje, nenhuma comunidade, qualquer que seja a sua raça, pode estar sujeita ao domínio alheio.»

(Começa um tam-tam, que anuncia a canção final)

JOÃO

As casas, às nossas lavras  
às praias, aos nossos campos  
havemos de voltar

CÉU

As nossas terras  
vermelhas do café  
brancas do algodão  
verdes dos milharais  
havemos de voltar

(34) Extrairdo do «Diário das Sessões». O discurso citado foi proferido pelo Prof. Miller Guerra, sendo as interrupções e as partes dos deputados Henrique Tenreiro e Cazal-Ribeiro.

87



LUIS

As nossas minas de diamantes  
ouro, cobre, de petróleo  
havemos de voltar

JOÃO

Aos nossos rios, nossos lagos  
às montanhas, às florestas  
havemos de voltar

CÉU

A frescura da mulemba  
às nossas tradições  
aos ritmos e às fogueiras  
havemos de voltar

LUIS

A marimba e ao quissangué  
ao nosso carnaval  
havemos de voltar

JOÃO

A bela pátria angolana  
nossa terra, nossa mãe  
havemos de voltar

88

TODOS

Havemos de voltar  
A Angola libertada  
Angola independente. <sup>(38)</sup>

*(Todos cantam «Guiné-Bissau. Angola-Mo-  
çambique», de José Mário Branco.)*

TODOS

Senhores e senhoras vamos agora cantar  
A Guiné-Bissau, livre e independente

O povo oprimido pega em armas pra lutar  
Na Guiné-Bissau, livre e independente,

Guiado pelo Partido de vitória em vitória  
O sangue dos seus filhos mostra o da História  
Na Guiné-Bissau livre e independente.

Viva o PAIGC e viva Amílcar Cabral  
Da Guiné-Bissau livre e independente.

E viva a FRELIMO e o MPLA  
E a Guiné-Bissau livre e independente.

Angola será livre, Moçambique também  
E a Guiné-Bissau será livre e independente.

<sup>(38)</sup> Texto integral do poema «Havemos de Voltar», de Agostinho Neto.

89

E o trabalhadores portugueses e africanos  
Irmãos na mesma luta contra os exploradores  
Na Guiné-Bissau, Moçambique e Angola.  
E nem mais um embarque, regresso dos soldados  
Da Guiné-Bissau, Moçambique e Angola.  
Viva a classe operária e o povo trabalhador  
Da Guiné-Bissau, Moçambique e Angola.

#### FIM DA PRIMEIRA PARTE

## 2.ª Parte

CANTOR

L'insurgé, son vrai nom c'est L'Homme  
qui n'est plus la bête de somme  
qui n'obéit qu'à la raison  
Et qui marche avec confiance  
car le soleil de la science  
se lève rouge à l'horizon

CORO

Devant toi, misère sauvage  
Devant toi, pesant esclavage  
L'insurgé se dresse  
Le fusil chargé! <sup>(36)</sup>

(Ruido ambiente de assembleia popular)

<sup>(36)</sup> Canção de Engène Pottier e H. Ghesquière.



LUIS

Cidadãos! Os aristocratas e os burgueses que nos arrastavam para a miséria fugiram para Versalhes. Levaram consigo ouro e armas, e prepararam o ataque à nossa Comuna, à Comuna de Paris. Para isso, venderão a sua Pátria, e irão entregá-la ao invasor alemão, a Bismark. Mas nós não estamos sós na luta contra a opressão. Ontem, no Parlamento Alemão, Augusto Bebel disse: «Todo o proletariado europeu, e todos os que trazem ainda no peito o instinto da liberdade, têm os olhos postos em Paris. O grito de batalha do proletariado parisiense: «Morte à Miséria e ao parasitismo», será o grito de batalha de todo o proletariado europeu.»

JOÃO

Viva a Associação Internacional dos Trabalhadores! Trabalhadores de todo o Mundo, uni-vos!  
(Bandeiras pretas.)

CÉU

Ouvimos dizer que as mulheres dos soldados de Versalhes passaram a vida a chorar. Mas as nossas não choram, e querem combater até ao fim. A nossa bandeira negra significa a miséria e a dor pela morte dos nossos companheiros. Cidadãos delegados: não queremos reconciliação com o governo de Versalhes... queremos que a fraqueza de alguns de vocês... de muitos de vocês... Perguntamos: vamos ficar

92

inactivos diante de um inimigo que nunca recuou perante nenhuma violência?  
(Ouve-se o ribombar cada vez mais forte de um canhão)

LUIS

Foram fuzilados e deportados milhares de operários que tinham realizado a primeira experiência histórica de exercício do poder pelo povo trabalhador. A liberdade foi afogada num mar de sangue.

CÉU

Mas a luta continuou. Porque os operários só têm as suas cadeias a perder, e um Mundo Novo a ganhar.

LUIS

E cerca de 50 anos mais tarde, em 1917, numa reunião do Comité Central do Partido Bolchevique, em S. Petersburgo, Lenine dizia:

JOÃO

\*Camaradas! Os homens da Comuna perderam porque não atacaram a reacção que se tinha acoitado em Versalhes. Hoje, na Rússia, nós, os comunistas, temos a responsabilidade histórica de atacar o palácio do governo e de entregar o poder ao povo. É a única saída para salvar a nossa Pátria da miséria e da submissão ao imperialismo.\*

93

LUIS

O camarada Lenine propõe uma aventura insensata que nos custará a invasão militar das potências internacionais, a morte e o extermínio de milhões de trabalhadores. Isto sem falar na abolição imediata de algumas liberdades que já conquistámos.

CÊU

Camarada Kamenev: as massas trabalhadores lutam pela justiça, pela paz, pelo progresso e querem que desapareça da face da Terra o sistema humilhante baseado na exploração do homem pelo homem. As massas trabalhadoras querem a Revolução, querem o socialismo e o comunismo. E elas estão na rua, à espera de uma ordem para avançarem. Nós somos o partido de vanguarda dos operários, dos camponeses e de todo o povo trabalhador. Recuar, hesitar, travar o ímpeto revolucionário das massas, é hoje, entregá-las de mãos atadas ao inimigo e trair a nossa luta.

JOÃO

Passemos à votação.

*(Todos votam com braço no ar, à excepção de dois. Música. Bandeiras vermelhas. Cântico de J. Mário Branco.)*

94

CANTOR E CORO

Proletários de armas na mão  
É a hora da libertação.  
Nos campos e nas fábricas  
Do capital as vítimas  
Punho erguido contra a miséria  
Contra a fome e contra a guerra  
Levantam-se a cantar  
A nova geração  
Unida pra lutar  
Contra a exploração.

Camponeses, operários  
Explorados e oprimidos  
Viremos o mundo ao contrário  
Reforcemos o nosso Partido  
Para organizar  
Nossa democracia  
Que será popular  
E contra a burguesia

Sobre o cadáver pútrido  
Da velha sociedade  
Construamos o socialismo  
Sememos a liberdade  
Sem classes nem ladrões  
Com escolas e pão  
Em frente camaradas  
pela Revolução.

95



JOÃO

A Revolução Bolchevique iniciou uma nova era na luta de classes. Por toda a parte as forças democráticas e revolucionárias se uniram, dispostas a acabar com a miséria e a fome. Mas o capitalismo engendrava no seu ventre a besta nazi.

CÉU

Espanha, 1936.

*(Ouve-se a «Jota dos Três Irmãos». Depois, acende-se a luz geral)*

LUIS

A canção que acabaram de ouvir chama-se, em Espanha, jota. É o canto solitário de um homem, nascido ao norte da Espanha. Esta canção exprime o alistamento e a divisão das famílias espanholas durante a Guerra Civil, batalha perdida pela liberdade. Os falangistas, guarda avançada do fascismo espanhol, tinham o seu hino: «Cara al Sol».

*(Apaga-se a luz geral da cena e acende-se um reflector sobre o cantor e o coro)*

CANTOR E CORO

Cara al sol, com a camisa nova  
Que tu bordaste, companheira,  
You sorrindo ao encontro da morte  
E não te volto a ver

96

Voltarão bandeiras vitoriosas

O passo alegre pela paz;

E trarão, vermelhas, cinco rosas  
Do sangue do meu coração.

Voltará a rir a primavera

Cara al sol, para sempre eu estarei

Arriba Espanha, Espanha livre,

Viva Espanha, meu amor Espanha.

*(Volta a luz geral da cena. Luis diz)*

LUIS

Gostaram? Pois é... O fascismo também é capaz de produzir bonitas cantigas... E há quem vá nelas!

JOÃO

Todo o país mergulhou na guerra, e os chefes militares fascistas sentiram-se continuadores de Hernán Cortez que no México, trezentos anos antes, dirigia aos seus soldados estas palavras:

*(Apaga-se a luz geral da cena e acende-se foco de luz sobre Luis)*

LUIS

Soldados de Espanha! Antes de tudo há que lutar! Mandeí afundar as caravelas para não terdes qualquer veleidade de regresso. Há que lutar com as armas que tendes à mão. E se elas se quebrarem em violento combate, então há que lutar a soco e pontapé. E se vos quebrarem os braços e as pernas,

97



restam-vos ainda os dentes. E se mesmo assim a morte chegar, ainda não tereis dado a última medida da vossa devoção. É preciso que o mau cheiro dos vossos cadáveres empeste o ar e torne impossível a respiração dos inimigos de Espanha. Adelante, por Dios y por Santiago!

CORO

Olé,olé,olé...

JOÃO

Esse mesmo espírito mantinha-se em 1936.

CÉU

Conta-se que um general republicano, inteiramente cercado pelo inimigo, gritava para os seus soldados:

JOÃO

Companheiros! Estamos cercados! Não deixemos que o inimigo se escape!

*(Ouve-se, em gravação, a voz do general Franco, dizendo: «Los hombres más heróicos del mundo, los hombres más grandes de Europa, son los hijos de España»)*

LUIS

Esta é a voz de D. Francisco Paulino Hermentegildo Teodulo Franco y Bahamonde. *(Bate com os pés no chão como um bailarino espanhol)* Mais conhecido

98

como general — perdão: generalíssimo — Franco. Os republicanos immortalizaram-no com as suas canções satíricas:

CANTOR

La mujer de Paco Franco  
La mujer de Paco Franco

CORO

Rumba la rumba la rumba ba  
Rumba la rumba la rumba ba

CANTOR

No cocina con carbon  
Ai, carmelai Ai, carmelai } *(bis)*

CORO

Más cocina con los cuernos  
Rumba la rumba la rumba ba  
De su marido el ...

LUIS

Interrompemos aqui a canção porque a alínea c) do artigo 2.º do regulamento da Lei Provisória de Imprensa proíbe as ofensas aos Chefes de Estado estrangeiros.

99



JOÃO

Tudo servia para a propaganda republicana. Num filme cómico da época, aparecia um general fascista que se defrontava com uma dificuldade militar:

LUIS

Este é um problema que qualquer criança de três anos é capaz de resolver. Eu acho... bem... eu... tra-gam-me uma criança de três anos.

CÉU

Canções folclóricas eram utilizadas por ambos os lados. «Marinera», por exemplo, era cantada por fascistas e republicanos. A letra é que variava...

CANTOR

No hay quien pueda  
No hay quien pueda  
Con la gente  
Marinera  
Marinera  
Lucha ahora  
Y defiende  
Su bandera.

*(Mudança de luz. Sai a luz geral da cena e os reflectores iluminam João e Céu)*

100

CÉU

Os fascistas semearam o terror por toda a Espanha. Rapavam a cabeça das mulheres, puniam as greves com a morte. Mulheres de milicianos tinham os seios arrancados à faca. Prisioneiros eram regados com petróleo e depois queimados.

*(O coro cessa de cantar «Marinera» em fundo)*

JOÃO

De todos os mortos, o mais famoso foi o poeta Federico Garcia Lorca, que os fascistas assassinaram.

*(Luz sobre Luis, que mima «Os últimos Instantes de Garcia Lorca». Inversão de luz. Foco em Céu)*

CÉU

O filósofo Miguel de Unamuno era Reitor da Universidade de Salamanca quando os falangistas tomaram a cidade. No Dia da Raça, reuniram-se numa cerimónia as mais importantes figuras do poder fascista. E o general Milán Astray, fundador com Franco, da Legião Espanhola, proferiu o seguinte discurso:

*(Inversão de luz. O foco que incidia sobre Céu dá lugar a uma luz geral)*

101

JOÃO

O fascismo vai restaurar a saúde de Espanha!  
Morra a inteligência! Viva a morte!

CORO

*(Fazendo a saudação fascista)*

Viva a morte!

JOÃO

Espanha!

CORO

Unida!

JOÃO

Espanha!

CORO

Forte!

JOÃO

Espanha!

CORO

Grande!

102

JOÃO

Morra a inteligência!

CORO

Morra!

LUIS

Senhores!

*(João afasta-se de Luis e reúne-se ao coro)*

CORO

Viva a morte!

LUIS

Senhores! O meu nome é Miguel de Unamuno. Todos aqui me conhecem. Sabeis que sou incapaz de me calar. Há momentos em que calarmo-nos é mentir. Desejo comentar o discurso — se é possível chamar-lhe assim — do general Milan Astray. Acabei de ouvir um grito necrófilo e insensato: «Viva a morte!». E eu que passei a minha vida cultivando paradoxos, devo declarar-vos, aos setenta e dois anos, que semelhante paradoxo me é repulsivo. O general Milan Astray é um aleijado. *(Reacção do coro)* Não há nesta afirmação o menor sentido pejorativo. Ele é um inválido da guerra; Cervantes também o era.

103





Espanha actual de Picasso,  
De Casals, de Lorca, irmão  
Assassinado em Granadai  
Espanha no coração  
De Pablo Neruda, Espanha  
No vosso e no meu coração!  
Espanha da Liberdade:  
A Espanha de Franco, não. (40)

CANTOR

Pueblo de España  
Vuelve a cantar  
Pueblo que canta  
No morirá  
Una canción,  
Una canción,  
Llena las calles  
De una ciudad...

JOÃO

*(Enquanto o coro prossegue na canção,  
apanha um livro e lê)*

Boletim Final da Guerra Civil Espanhola: Comunicado do Supremo Quartel General: «Hoje, depois de aprisionar o Exército Vermelho, as tropas nacio-

(40) «No vosso e no meu coração», poema de Manuel Barreira, extraído da «Antologia Poética» (fragmento).

nistas atingiram o seu último objectivo militar. A Guerra acabou. Assinado: Generalíssimo Francisco Franco. Burgos, 1939. Primeiro de Abril».

LUÍS

*(Com raiva)*

Primeiro de Abril. E não era mentir!...

*(E todos os outros, cantando em ritmo mais rápido)*

Pueblo de España  
Vuelve a cantar  
Pueblo que canta  
No morirá

*(Escuro)*

VOZ

Processo contra um escritor. (41)

CÉU

Em 1959 o grande romancista Aquilino Ribeiro foi acusado da prática de vários crimes contra a segurança do Estado, porque...

*(Acende-se a luz sobre Luís e João)*

(41) Sob a forma de diálogo, reproduzem-se passos da acusação deduzida contra Aquilino Ribeiro e da defesa deste no processo motivado pelo seu romance «Quando os Lobos Livam».



JOÃO  
(Lê a acusação)

... depois da última eleição para a Presidência da República, e quando ainda se sentia o efeito da agitação provocada por esse acto eleitoral, publicou o livro *Quando os Lobos Uivam*, rapidamente editado a seu pedido...

LUIS  
(Reagindo)  
Rapidamente!...

JOÃO  
Não é a sua vez de falar. (Continua a leitura)  
Nesse livro, o réu «divulga por escrito afirmações que sabe serem falsas e que fazem perigar o bom nome de Portugal». Que tem o réu a dizer sobre esta acusação?

LUIS  
Apenas isto: «Se os nossos escritores, os nossos jornalistas pudessem ser acusados desse crime sem- pre que, apreciando a situação do país, referem a realidade e não a imaginam falsamente dourada, bem poucos escapariam».

JOÃO  
Não contente com isso, o réu injuria e ofende ainda, gravemente, a honra e consideração devidas a Sua Excelência o Presidente do Conselho de Mi-

nistros, à Pide, corporação que exerce autoridade pública, e em particular aos tribunais Plenários de Lisboa e Porto...

LUIS  
Certas personagens do meu romance são, efectivamente, julgadas no Tribunal Plenário. «O Plenário é um Tribunal dos nossos dias. Eu não podia fazê-las julgar por exemplo por S. Luís, rei de França, de baixo dum carvalho, ou por D. Pedro, o Cru, enquanto à mesa mastigava a perna dum cordeiro, nem tão-pouco pelo Tribunal da Inquisição, que já passou à história» — parece...

JOÃO  
Admite que o livro foi escrito com o intuito de desacreditar as instituições vigentes?

LUIS  
Perdão! «Quando o Estado Novo se quindou ao poder, já eu tinha 41 anos, já eu cá estava com as minhas ideias, as minhas convicções arreigadas, as minhas simpatias políticas. Nunca podia dar adesão às suas práticas e à sua ideologia. E não seria lícito que alguém fosse levado a crer que se esperavam lisonjas da minha pena, e não júzios severos. Severos mas honestos.»

JOÃO  
É um «júizo honesto» a alusão que faz no prefácio do livro à «desvergonha cívica nacional»?



LUIS

«Pois não são vergonhosos os proventos da vida literária entre nós? Não é vergonhoso que, aos 74 anos de idade, eu continue tão pobre como era, e que os meus rendimentos não possam sequer comprar-se com os dos administradores de certas empresas ou nem com os desses Delegados do Governo junto da Companhia dos Diamantes, do Banco de Portugal, das Companhias de Pesca ou de navegação?»

JOÃO

Que intuitos o levaram então a falar de «um país que anda descalço?»

LUIS

«Mas não é verdade que este país é envergonhado pelo pé descalço? Não é verdade que há leis para a repressão do pé descalço? Ou fazem-se leis para a repressão de uma coisa que não existe? Infelizmente, o pé descalço existe. Não é um vício degradante, é uma vergonha nacional, sinal do nosso baixo nível de vida.»

JOÃO

O réu contrapõe, tendenciosamente, o pé descalço à pretensa inexistência de laboratórios científicos entre nós...

112

LUIS

«Não é verdade sabida por todos, que não temos laboratórios nem investigação condigna do estado actual da técnica e da ciência? E que o melhor escola dos nossos cientistas foi forçado a abandonar os laboratórios e as escolas em que ensinavam, por não serem adeptos das instituições vigentes?»

JOÃO

E não é tendenciosa a referência que faz às vítimas da liberdade?

LUIS

«Então não é verdade que no exílio, na deportação e nas prisões políticas têm morrido muitos portugueses ilustres, envoltos num silêncio injusto e injustificável? E não é verdade que vivemos, há tanta soma de anos, no fundo de uma cisterna? Pois como lhe há-de chamar o escritor que vê constantemente os seus artigos cortados pela censura? Pobres dos países em que não há oposições!»...

JOÃO

O réu, a coberto da ficção literária, produz afirmações falsas, grosseiramente deformadas, caluniosas, atentatórias da segurança do Estado, como por exemplo a de que «nesta hora, andamos todos com os grilhões nos pulsos»...

113



LUIS

«Eu sinto-me com grilhões nos pulsos! E não só eu! Muito mais gente também. Que outra coisa poderá dizer um escritor que tem visto os seus livros censurados e proibidos, o homem que conheceu a prisão, o exílio, e que foi demitido arbitrariamente das funções públicas em que servia o seu País? Que menos poderá ele dizer de um regime que mantém a censura à Imprensa e ao livro depois de 30 anos e que suprimiu as liberdades fundamentais?»

*(Apagam-se os focos que incidiam sobre os dois actores. Luz geral na cena)*

JOÃO

Céu, tu sabias que a liberdade de um povo se mede pela sua capacidade de rir?

CÉU

*(Para a plateia)*

Portanto, vocês agora devem rir bastante, que é para parecerem bem livres.

JOÃO

*(Depois de pausa)*

Ah, a situação não está nada boa! Cada vez sobre mais mês no fim do dinheiro.

114

LUIS

Acho que vou mudar-me para os Estados Unidos.

JOÃO

Estados Unidos? Porquê?

LUIS

Pelo menos os problemas com negros são lá mesmo, no país; não é preciso estar a arriscar o coiro em África. E ainda se ganha mais... e em dólares.

CANTOR

Ó Céu, por falar em Estados Unidos, sabias que lá é crime a mulher revistar os bolsos do marido?

CÉU

Aqui é apenas perda de tempo.

JOÃO

Olha, eu resolvi o meu problema muito simplesmente. Ouvi tanto os técnicos falarem sobre a fluência do custo da forragem no aumento do preço da carne, que agora eu resolvi não comer mais carne; como a forragem directamente.

115

LUIS

Vocês já repararam como em cada nota de mil escudos a expressão da D. Maria II está mais cupada?

(*Entra em cena um dos músicos que está vera ouvindo a conversa*)

MÚSICO

Eu não sei porque é que vocês reclamam tanto. Eu acho que o país está muito melhor.

TODOS

(*Perplexos*)

Melhor como?!

MÚSICO

Muito melhor do que no ano que vem!

(*Escuro. Foco de luz sobre João. No fundo, a gravação de «Deutschland Uber Alles»*)

JOÃO

Adolfo Hitler: na sua resistível ascensão, o Partido Nazi empolgou toda a Alemanha. Em 1933, Adolfo

que não se submetiam à Hitler tomou o poder. Os que não se submetiam à Hitler eram presos, torturados, ou tinham que Nova Ordem eram exilados, aqueles que «mudaram se exilar. Entre os exilados, aqueles que de sapatos», incluíam-se o dramaturgo Bertolt Brecht. Eis como ele descreveu a vida na Alemanha de Hitler, numa das cenas da sua peça *Terror e Miséria do III Reich*.<sup>(42)</sup>

(*Luz geral na cena. Céu entra e encontra Luís*)

CÉU

Onde está Klaus? Klaus! Onde é que se meteu esse rapaz?

LUIS

Porque é que estás tão nervosa? Só porque o rapaz saiu?

CÉU

Eu não estou nervosa. Tu é que estás nervoso. Andas tão descontrolado...

LUIS

Estou o que sempre fui, mas o que tem isso a ver com a saída do rapaz?

<sup>(42)</sup> Versão condensada de «O Denunciante», episódio da peça de Brecht «Terror e Miséria do III Reich» (1937).



CÉU

Tu sabes como são os garotos. Gostam de ouvir tudo.

LUIS

E depois? Que é que isso tem?

CÉU

Que é que isso tem? E se ele for contar? Tu sabes muito bem que na Juventude Hitleriana eles têm que contar tudo. O que é estranho é que ele saiu à socapa.

LUIS

Ah, que parvoícei

CÉU

O que é que ele teria ouvido da nossa conversa?

LUIS

Ele não dirá nada. Ele sabe o que acontece aos que são denunciados.

CÉU

E depois? O filho do vizinho não denunciou o primeiro pai? Ele que ainda lá está no campo de concentração.

118

LUIS

Deixa-te disso. Estás-te a alarmar sem razão.

CÉU

Tu disseste que os jornais mentem. Estiveste a falar sobre o Quartel General. Não devias ter dito essas coisas. O Klaus é tão nacionalista!

LUIS

Mas o que foi que eu disse exactamente?

CÉU

Já te esqueceste? Falaste de certas sujeiras que se passam lá dentro.

LUIS

Bem, isso não pode ser interpretado como um ataque. Eu disse que nem tudo é limpo lá dentro. Não, fui até mais moderado, eu disse que nem tudo é completamente limpo lá dentro. Há uma diferença. Eu disse: pode ser que nem tudo seja completamente limpo lá entre eles. O «completamente» suaviza a palavra limpo. Foi assim que eu formulei: pode ser. Não quer dizer que seja.

CÉU

Tu não precisas de me dar essas explicações todas.

119

LUIS

Eu gostaria de não ter que as dar, mas sei lá o que tu és capaz de dizer por aí do que se fala aqui em casa. Não te estou a acusar de nada e nem acho em o nosso filho seja um denunciante. Mas...

CÉU

Acaba lá com isso! Estás a dizer que não se pode viver na Alemanha de Hitler.

LUIS

Eu não disse isso!

CÉU

Estás a falar comigo como se eu fosse da Gestapo! O que me apoquentas é que o Klaus possa ter ouvido.

LUIS

A expressão «Alemanha de Hitler» não está no meu vocabulário.

CÉU

Essas afirmações só podem provocar confusão na cabeça do pequeno. E o Führer não se cansa de dizer: «O futuro da Alemanha está na sua juventude». E o meu filho não é um denunciante!

120

LUIS

Mas é vingativo.

CÉU

Mas ainda agora mesmo eu lhe dei meio marco. Eu dou-lhe tudo o que me pede...

LUIS

Isso é suborno.

CÉU

Suborno? Como?

LUIS

Se houver qualquer coisa vão dizer que tentámos suborná-lo para ele não dizer nada.

CÉU

O que é que achas que eles podem fazer contra ti?

LUIS

Oh, tudo! Não há limite para o que eles possam fazer.

CÉU

Mas se não há nada contra ti!

121



LUIS  
Há sempre alguma coisa contra toda a gente.

CÉU  
Karl, não percas a coragem. Tens que ser forte, como o Führer sempre...

LUIS  
Não posso ficar tranquilo quando...

(Um toque de telefone. Eles abraçam-se, aterrizados e ficam olhando para o local de onde veio o som. Dois toques; três. Céu faz um movimento)

CÉU  
Atendo?

LUIS  
Não sei. Espera.

(Eles aguardam. Um quarto toque)

LUIS  
Se tocar outra vez a gente atende.

(Pausa. Silêncio. Depois de um tempo, Luis fala)

122

LUIS  
Isto não é vida.

Karl...

LUIS

Tu pariste-me um Judas. Senta-se à mesa e ouve.  
Come a sopa e ouve. Um bufo!

CÉU

Achas que devemos preparar-nos?

LUIS

Pensas que eles vêm agora?

CÉU

Tudo é possível.

LUIS

Ponho a cruz de ferro?

CÉU

Claro, claro. E pomos o retrato de Hitler em cima da mesinha, não é melhor?

123

Pois.

LUIS

(Céu começa a executar a acção quando Luis a interrompe)

Espera! E se o pequeno disser que o retrato não estava aí antes, é uma agravante. Pode ser interpretado como consciência de culpa? (Um ruído) Que barulho foi este? A porta?

CÉU

Não ouvi nada. (Agora um ruído bem nítido)

LUIS

Ouviste?

CÉU

(Atterrada, abraçando-o)

Karli!

LUIS

Não vamos perder a cabeça. Calma.

(Céu sai. Luis fica sozinho no centro do palco, aguardando. Ouve-se a voz de Céu)

124

CÉU

Onde é que foste?! Responde, Klaus!

(Uma pausa. Ela muda nitidamente de tom e depois pergunta de novo, com a voz metifua)

Onde é que andaste até agora, meu filhinho querido?

(Uma pausa. Ela volta e aos poucos vai recobrando uma expressão de tranquilidade e alívio. Fala)

CÉU

Ele disse... que foi comprar chocolates.

(Eles olham-se e começam a sorrir. Correm um para o outro e abraçam-se, aliviados. Mas então a expressão dos dois começa novamente a mudar e Luis, afastando-se de Céu, pergunta)

LUIS

Será verdade?

(Escuro. Ainda no escuro, ouve-se bem forte a gravação de «Die Fahne Hoch». Em seguida acende-se um foco de luz sobre João)

125



JOÃO

Para afirmar o seu poder e assegurar mundialmente a superioridade da raça ariana, executando assim a «missão divina» de que se dizia investido, Adolfo Hitler não recuou diante de coisa nenhuma: suprimiu brutalmente as liberdades individuais, deportou um regime de terror e de trabalhos forçados, para campos de concentração onde foram assassinados, perseguiu e exterminou milhões de judeus...

CEU

Só na noite de 9 de Novembro de 1938 foram destruídas e incendiadas em Berlim 815 lojas comerciais, 195 sinagogas, 171 casas de habitação e foram presos 20 000 judeus.

JOÃO

O número total de judeus assassinados por ordem de Hitler eleva-se a cinco milhões e setecentos mil.

CÉU

Mas, para cumprir a sua missão superior, estes mortos não bastavam ao chanceler do Reich: a Alemanha necessitava de «espaço vital».

JOÃO

«A natureza não reservou a posse do solo a uma nação ou a uma raça qualquer; pelo contrário, a terra

126

deverá pertencer ao povo que tiver a força de a conquistar. Esse povo privilegiado é o povo alemão. Só um espaço suficientemente vasto pode assegurar à nação alemã a sua liberdade de existência. Sem se embaraçar de tradições ou preconceitos, o povo alemão deverá marchar pela estrada que o conduz à posse de novas terras. E se os actuais possuidores dessas terras se opuserem, então funcionará a lei da concorrência vital: o que não puder conseguir-se por métodos pacíficos, conseguir-se-á pela força!».<sup>(43)</sup>

(Foco sobre Luís)

LUÍS

Meu irmão era aviador  
Deram-lhe um dia uma ordem.  
Fez as malas e partiu  
Em direcção ao sul.

Meu irmão era um conquistador.  
O nosso povo precisa  
De espaço. E conquistar terras  
É pra nós um velho sonho.

O espaço que o meu irmão  
Conquistou, na Serra do Guadarrama,  
Mede um metro e oitenta de largo  
Por metro e meio de fundo.<sup>(44)</sup>

<sup>(43)</sup> Extrairido de «Mein Kampf».

<sup>(44)</sup> Poema de Bertolt Brecht.

127



JOÃO

E a Alemanha ia aumentando o seu poder territorial: em 11 de Março de 1938 as tropas nazis invadiram a Áustria, em 15 de Março de 1939 a Checoslováquia, em 1 de Setembro de 1939 a Polónia.

CÉU

Dois dias depois, a França e a Inglaterra declaram guerra à Alemanha.

LUIS

«Esta guerra terá de ser conduzida com uma dureza sem precedentes, sem piedade e sem tréguas! Todos os que se opuserem ao nazismo deverão ser implacavelmente liquidados! Instalaremos Tribunais Nazis e os nossos inimigos serão condenados à morte. Autorizo os soldados alemães a violar todas as leis internacionais! Eu, Adolfo Hitler, sou o Führer, o Líder da Nação, Comandante Supremo, Juiz Supremo e Chefe do Partido!»<sup>(45)</sup>

*(Inversão de foco de luz de Luis para João)*

JOÃO

Em 9 de Abril de 1940 a Alemanha invadia a Dinamarca e a Noruega. Em 15 de Maio a Holanda ren-

<sup>(45)</sup> Montagem de trechos de vários discursos e ordens militares de Hitler.

dia-se. Em 28 de Maio, a Bélgica. E em 14 de Junho, a França era invadida por soldados de Hitler.

*(Inversão de foco de luz para Céu)*

CÉU

Nos meus livros de estudante,  
Sobre a carteira e as árvores,  
Sobre a praia e sobre a neve,  
Escrevo o teu nome<sup>(46)</sup>

*(Inversão de foco de luz de Céu para João)*

JOÃO

Imediatamente começou então a Resistência Francesa:

*(Inversão de luz de João para cantor)*

CANTOR E CORO

Abandonai a mina  
E descei pela colina  
Camaradas  
Depois tirai da palha  
O fuzil e a metralha  
As granadas!

<sup>(46)</sup> Primeira estrofe do poema «Liberté» de Paul Eluard (1942).



Ohé les tueurs  
À la taille et au couteau  
Tuez vite....  
Ohé saboteurs  
Attention a ton fardeau  
Dynamite!

Amigo, se um tomba  
Um outro amigo sai da sombra  
E continua!

(O coro prossegue cantando juntamente  
com o cantor)

Vertei, camaradas,  
Vosso sangue sobre o chão  
Da primavera  
Cantai, companheiros,  
que ao sol a liberdade  
Nos espera...<sup>(47)</sup>

(Inversão da Luz para Céu, enquanto o coro  
prossegue cantando o refrão)

CEU

Em todas as páginas lidas  
Em todas as páginas brancas  
Pedra sangue papel cinza  
Escrevo o teu nome.

<sup>(47)</sup> \*Chant des Partisans\*, letra de J. Kessel e M. Druon.

Em cada sopro de aurora  
Sobre o mar e sobre os barcos  
Na montanha enlouquecida  
Escrevo o teu nome.

Em toda a carne oferecida  
Na frente dos meus amigos  
Em cada mão que se estende  
Escrevo o teu nome

E ao poder de uma palavra  
Recomeço a minha vida  
Nasci para te conhecer  
pra te chamar  
Liberdade.<sup>(48)</sup>

JOÃO

Assim cantou, em 1942, a Liberdade perdida o  
poeta francês Paul Éluard. Vinte e cinco anos depois,  
assim a cantaria também um poeta português, Manuel  
Alegre.

LUIS

Sobre esta página escrevo  
teu nome que no peito trago escrito  
laranja verde limão  
amargo e doce o teu nome.

<sup>(48)</sup> Quatro estrofes (terminando pela última) do poema, já  
citado, de Éluard.

Sobre esta página escrevo  
O teu nome de muitos nomes feito  
água e fogo lenha vento  
primavera pátria exílio.

Esta chama ateadada no meu peito  
por quem morro por quem vivo  
este nome rosa e cardo  
por quem livre sou cativo.

Sobre esta página escrevo  
o teu nome: Liberdade. <sup>(49)</sup>

*(Escuro. No escuro, ouve-se a voz do cantor acompanhada pelo coro, cantando novamente, num ritmo mais entusiasta:)*

CANTOR E CORO

Vertei, camaradas,  
Vosso sangue sobre o chão  
Da primavera!  
Cantai, companheiros,  
Que ao sol a liberdade  
Nos esperai

*(O foco de luz acende-se sobre cantor e coro, que executam a última frase musical)*

<sup>(49)</sup> «Liberdade», poema de Manuel Alegre (extraído de «Praça da Canção», 1956).

CANTOR E CORO  
Oh oh oh oh oh oh oh ...

*(Inversão do foco de luz de cantor e coro para João)*

JOÃO

No começo de 1941, um único obstáculo se interpunha entre Hitler e seu sonho de domínio europeu: o povo inglês e Winston Churchill.

*(Inversão do foco de luz de João para Luís. Um forte rufo de tambor. Luís faz uma pausa e diz)*

LUÍS

*(Só um rufo de tambor ao fundo)*

«Se Hitler invadisse o Inferno eu apoiaria o demónio. Fazemos o nosso dever, certos de que, se o nosso país existir por mais mil anos, os homens dirão ainda: — «Aquele foi o momento mais belo da sua história. Nunca tantos deveram tanto a tão poucos. Por ora, só posso oferecer-vos sangue, suor e lágrimas, mas iremos até ao fim. Lutaremos em França, lutaremos nas praias, nas colinas, nas montanhas, nos campos e nas ruas: nunca nos renderemos!» <sup>(50)</sup>



*(Escuro um tempo. Então entra gravação de  
«Stars and Stripes» e acende-se fogo sobre  
João)*

JOÃO

Os Estados Unidos da América do Norte foram súbita e deliberadamente atacados por forças aéreas e navais do império japonês, ontem, dia 7 de Dezembro de 1941 — uma data que ficará para sempre marcada pela infâmia!

*(Mudança de luz. Foco sobre Luis)*

LUIS

Assim começava o discurso de Roosevelt declarando guerra ao Japão e às potências do Eixo. Alguns meses antes, Hitler invadira a Rússia. E depois de várias vitórias assustadoras... de repente... aconteceu:

*(Luz geral na cena)*

CÊU

Stalingrado!

JOÃO

Stalingrado!

<sup>(50)</sup> Montagem de trechos de vários discursos de W. Churchill.

LUIS

Stalingrado!

CANTORA

Stalingrado!

CORO

Stalingrado!

CÊU

Stalingrado foi a mais violenta batalha da guerra. Todos os historiadores a consideraram como a curva decisiva. Hitler dizia:

LUIS

Se eu não conseguir o petróleo da região de Stalingrado, perderei a guerra.

CÊU

E no dia 3 de Julho de 1941, Staline dizia:

JOÃO

*(Discurso de Staline)*

«Camaradas, cidadãos, irmãos e irmãs, soldados e marinheiros, é a vós meus amigos que me dirijo neste momento grave em que a Pátria sofre o ataque



da Alemanha de Hitler. O inimigo prossegue o avanço e lança novas forças na frente. Uma séria ameaça pesa sobre o nosso país. Esta guerra foi-nos imposta e o nosso país deve travar uma luta de morte... Ao lado do Exército Vermelho, todo o povo se ergue para defender o nosso país. Não há lugar nas nossas fileiras para os choramingas, para os cobardes, para os desertores e semeadores de pânico. É sem medo e com um desinteresse total que o nosso povo deve travar a guerra de libertação contra os esclavagistas fascistas... Todos devem bater-se até à última gota de sangue. Tudo o que pode ser utilizável: trigo, petróleo, metais, que não possa ser evacuado, deve ser destruído. Toda a potência do nosso povo deve ser utilizada para esmagar o inimigo. Avante, para a vitória!

LUIS

Stalingrado...

Depois de Madrid e de Londres, ainda há grandes  
[cidades!]

O mundo não acabou, pois que entre as ruínas  
outros homens surgem, a face negra de pó e de pó!  
[vora,

e o hábito selvagem da liberdade  
dilatata os seus peitos, Stalingrado,  
seus peitos que estalam e caem  
enquanto outros, vingadores, se elevam.

A poesia fugiu dos livros, agora está nos jornais.  
Os telegramas de Moscovo repetem Homero.  
Mas Homero é velho. Os telegramas cantam um  
[mundo novo  
que nós, na escuridão, ignorávamos.

Fomos encontrá-lo em ti, cidade destruída,  
na paz de tuas ruas mortas mas não conformadas,  
no teu arquejo de vida mais forte que o estouro das  
[bombas,  
na tua fria vontade de resistir.

Saber que resistes,  
Que enquanto dormimos, comemos e trabalhamos,  
[resistes.

Que quando abrimos o jornal pela manhã teu nome  
[(em ouro oculto) estará firme no alto da página.  
Terás custado milhares de homens, tanques e aviões.  
[mas valeu a pena.

Saber que vigias, Stalingrado,  
sobre nossas cabeças, nossas prevenções e nossos  
[confusos pensamentos distantes  
dá um enorme alento à alma desesperada  
e ao coração que duvida.

Stalingrado, miserável monte de escombros, entre-  
[tanto resplandecente!  
As belas cidades do mundo contemplam-te em pasmo  
[e silêncio.



Débeis em face do teu pavoroso poder,  
mesquinhas no seu esplendor de márniores poder,

as pobres e prudentes cidades, outrora gloriosas,  
[Frios não profanados,  
[entregues sem luta,  
aprendem contigo o gesto de fogo.  
Também elas podem esperar.  
Stalingrado, quantas esperanças!

Que flores, que cristais e músicas o teu nome nos  
[derrama!  
Que felicidade brota de tuas casasi  
De umas apenas resta a escada cheia de corpos;  
de outras, o cano de gás, a torneira, uma bacia de

Não há mais livros para ler nem teatros funcionando  
[criança.  
[nem trabalho nas fábricas,  
todos morreram, estropiaram-se, os últimos defendem  
[pedaços negros de parede,  
mas a vida em ti é prodigiosa e pulula como insectos  
ó minha louca Stalingrado!  
[ao sol,

A tamanha distância procuro, indago, cheiro os des-  
[troços sangrentos,  
apalpo as formas desmanteladas do teu corpo,  
caminho solitariamente em tuas ruas onde há mãos  
[soltas e relógios partidos,  
sinto-te como uma criatura humana, e que és tu,  
[Stalingrado, senão isto?

Uma criatura que não quer morrer e combate,  
contra o céu, a água, o metal a criatura combate,  
contra milhões de braços e engenhos mecânicos a  
[criatura combate,  
contra o frio, a fome, a noite, contra a morte a cria-  
[tura combate,  
e vence.

As cidades podem vencer, Stalingrado!  
Penso na vitória das cidades, que por enquanto é  
[apenas uma fumaça subindo do Volga.  
Penso no colar de cidades, que se amarrão e se  
[defenderão contra tudo.  
Em teu chão calcinado onde apodrecem cadáveres,  
a grande Cidade de amanhã erguerá a sua Ordem. <sup>(51)</sup>

JOÃO

Novas esperanças desabrocharam. Seguindo o  
curso irresistível da História, muitos povos se liber-  
taram, novos mundos começaram a ser construídos.

CÉU

A Ásia, a África e a América Latina acordaram  
para a luta pela Liberdade, expulsando o imperia-  
lismo.

LUIS

China, Coreia, Argélia,

<sup>(51)</sup> «Carta a Stalingrado», de Carlos Drummond de Andrade  
(extrairido de «A Rosa do Povo», 1945).



JOÃO  
Cuba, Quênia, Congo,

CEU  
Vietnam, Laos, Cambodja.

LUIS  
Novos passos em frente para a Revolução Mundial.

JOÃO  
Os países querem a independência, as nações querem a libertação, os povos querem a Revolução.

CEU  
Sim, a tendência principal é para a Revolução. Mas a reacção tem força e aproveita-se dos nossos erros. Há muito pouco tempo, na América do Sul...

*(Cangão de Victor Jara. Som de multidão gritando «Vitória! Vitória! Unidade popular!» Compõe-se um quadro representativo de uma reunião de família burguesa. Ouve-se um discurso de Allende através da rádio)*

VOZ OFF  
É com emoção que vos saúdo, povo do Chile. Ao fim de uma luta tenaz, difícil e esforçada de dezenas de anos temos a suprema alegria de ver a democracia pisar o nosso solo pátrio. Vamos construir um país novo, na ordem, na dignidade, no respeito pelas leis e pela nossa Constituição...

140

CEU  
Vamos embora, Hernando! Levemos o ouro e o dinheiro antes que nos roubem! Vamos para longe daqui, para o Rio ou para Madrid, para um sítio qualquer onde esses comunistas não nos possam apanhar.

JOÃO  
Há manifestações na rua de milhares de pessoas a gritar: Liberdade! Liberdade! Morte à polícia! Morra o capitalismo! Temos de fugir, papá!

LUIS  
A nossa família já teve muitos problemas, como vocês sabem. Já fomos chamados a tribunal por questões incômodas, bastante incômodas, como foram o caso da pseudo-falência do tio, das histórias com menores em que tu e os primos andaram metidos, etc., etc. E sempre nos saímos airosamente, não é verdade? Ora bem. Esta história é mais complicada, mas temos de ter calma e ver o que se pode fazer para ganharmos a batalha daqui a uns tempos.

JOÃO  
Mas eles vão matar-nos hoje ou amanhã!

CEU  
Ai não! Não posso mais, não posso mais! Estou com uma crise de nervos que nem imaginas!

141



LUIS

O Governo não nos vai mandar matar nem prender. No entanto, estou de acordo em que devemos ir para um sítio seguro, não venha por aí a população...

CÉU

Vamos já, vamos já! De que é que estás à espera? Vou buscar as minhas jóias, não haja por aí algum maltrapilho que as veja.

LUIS

Calma, calma. Temos de pensar bem no que vamos fazer. Para começar, Pablo, vai à Embaixada dos Estados Unidos e diz que eu quero falar com o Embaixador.

CÉU

Esqueci-me de te dizer. O Embaixador telefonou há bocado, queria falar contigo o mais depressa possível. Para tu passares lá por casa...

JOÃO

O Sr. Almirante Gonzalez e o general Marquez também vieram à procura do papá.

LUIS

Bom, estou a ver que isto se vai arranjar. Ora vamos lá a ver. Com estes milhões de pobres diabos

142

a gritar Liberdade! Liberdade! e a querer o comunismo, temos de ter paciência, não nos mostrarmos muito e esperar o melhor momento para atacar.

CÉU

Ai que esse dia venha depressa! Esses bandidos, esse Allende...

*(Canção de Victor Jara sobre Allende. Reunido do povo. Os três actores representam agora três operários ou camponeses)*

JOÃO

Companheiros! Chegou a nossa hora. Com Allende vamos acabar com a fome e com a nossa miséria. O Chile é um país rico. Tem as minas de cobre e muitas outras riquezas.

CÉU

Nos campos, proprietários fogem com medo. Os índios aderiram à nossa causa e começam a ocupar as terras.

LUIS

Calma, calma. Não podemos ir depressa, senão assustamos a burguesia. O povo está unido. Os fascistas começam a perder a força.

CÉU

E o Exército?

143



JOÃO  
O Exército vai defender a Lei e a Constituição.  
Camaradas, ganhámos a primeira batalha, lutemos  
agora por consolidá-la.

CÉU  
Se queremos construir um novo Chile, precisa-  
mos de outras leis e de uma Constituição diferente.  
E para alcançar isso, o povo precisa de mostrar que  
tem força.

LUIS  
Camarada, tem paciência e confia no teu Governo.  
Tudo se irá resolver.

TODOS

Viva a Liberdade! Viva a Democracia! Viva o  
Chile!

*(Regresso à cena de família)*

LUIS

Também convém que nos mostremos como gente  
que quer o progresso, que até critica erros e injusti-  
ças do passado. Olha, tu *(para João)*, inscreve-te aí,  
num partido de esquerda. Num desses que estão  
agora no governo. Assim os nossos inimigos deixam  
de ter o olho em cima da gente, e além disso, sem-  
pre trazes informações...

144

JOÃO  
Oh papá! Mas ninguém me aceita. Eles sabem  
muito bem quem eu sou...

LUIS  
Aceitam, sim. Eles são uns idealistas, e a maioria  
tem tanto medo da Revolução como nós. Quando a  
crise económica começar a rebentar, vais ver como  
começam a perder as belas ideias!

CÉU  
Crise económica... crise económica... Mas como  
é que sabes que vai haver?

LUIS

Muito simples. Eu e os meus colegas deixamos  
de investir e colocamos o nosso dinheiro a salvo na  
Suíça. A espera de melhores dias. Combinamos com  
os outros países para eles não comprarem mais nada  
ao Chile. Os preços aumentam, não há dinheiro, os  
trabalhadores vão começar a fazer greve. Nós apro-  
veitamos isso, dizendo que eles estão a lançar o país  
no caos económico. Até podemos organizar uma ou  
outra greve, para provocar mais confusão e isolar os  
revolucionários. Mas não faz mal nenhum que se  
venha a saber que isso tinha sido organizado por nós.  
Até convém, para se ver que ainda temos força.

145



JOÃO  
Oh papá! Isso é que é táctica... inteligente! Mas eles é que têm a força, as armas...

LUIS  
Sim, parece que o Exército está cheio de comunistas e de democratas. Mas ainda há lá muita gente séria e de grande confiança nossa. Se lhes dermos apoio e dinheiro, tenho a certeza que não esquecerão o seu passado de combatentes anticomunistas...

CÉU  
E vamos às eleições, não é?

LUIS  
Eleições, eleições... Deixa-te disso. Isto vai ser resolvido é com armas, essa plebe, esses miseráveis comunistas não-de pagar com a vida... Há-de ser uma lição que nunca mais lhes sairá da memória.

CÉU  
Ai, Deus te oiça!...

*(Som de metralhadoras, canhões. Gritos. Em cima destes sons, ligando-se a eles, vem a canção alusiva aos massacres e torturas de Victor Jara)*

CÉU  
Estamos a chegar ao fim do nosso espectáculo. Quisemos provar que na luta pela liberdade o povo não recua diante de nenhum sacrifício.

146

*(Acorde musicais que anunciam a canção final)*

JOÃO  
Assim como os opressores não recuam diante de nenhum crime para manter a injustiça e a desigualdade social.

LUIS  
A nossa homenagem ao escravo Spartacus.

CÉU  
A nossa homenagem ao homem do povo da Revolução Francesa, aos mártires da Comuna de Paris, aos heróis da Revolução de Outubro, aos gloriosos defensores de Stalingrado.

JOÃO  
A nossa homenagem à Revolução Chinesa, aos mineiros das Astúrias, aos guerrilheiros de Angola, Guiné e Moçambique.

LUIS  
A nossa homenagem aos milhões de homens que têm lutado, combatido e morrido pela igualdade entre os homens e pelo fim da exploração e da opressão.

147

CÉU

A nossa homenagem aos milhares de homens e mulheres portugueses que lutaram durante dezenas de anos contra o odioso e criminoso regime fascista de Salazar e de Caetano.

JOÃO

Hoje, temos no nosso país um raio de luz que anuncia a liberdade. Que anuncia a chegada à paz e ao progresso.

LUIS

Mas a batalha ainda não está ganha. Provámos que, historicamente, o inimigo sabe esperar e não recua diante de nenhum crime para voltar a impor a desigualdade, o privilégio, a exploração.

CÉU

Dizemos isto para que nenhum de nós se distraia, para que nenhum de nós esmoreça diante da batalha que continua.

JOÃO

E que terminará pela nossa vitória definitiva.

LUIS

Queiram ou não queiram as forças da reacção nacional ou internacional.

148

OS TRES

A luta continua e nós não estamos dispostos a perder.

(Canção final de José Mário Branco)

TODOS

Com a história na mão  
E sem ter medo de nada  
Classe trabalhadora forte e organizada  
Liberdade não cresce sem ser semeada  
Avança de cabeça levantada

Liberdade, liberdade,  
Quem a tem chama-lhe sua  
A do povo já não tarda  
Porque a luta continua  
E de cabeça levantada

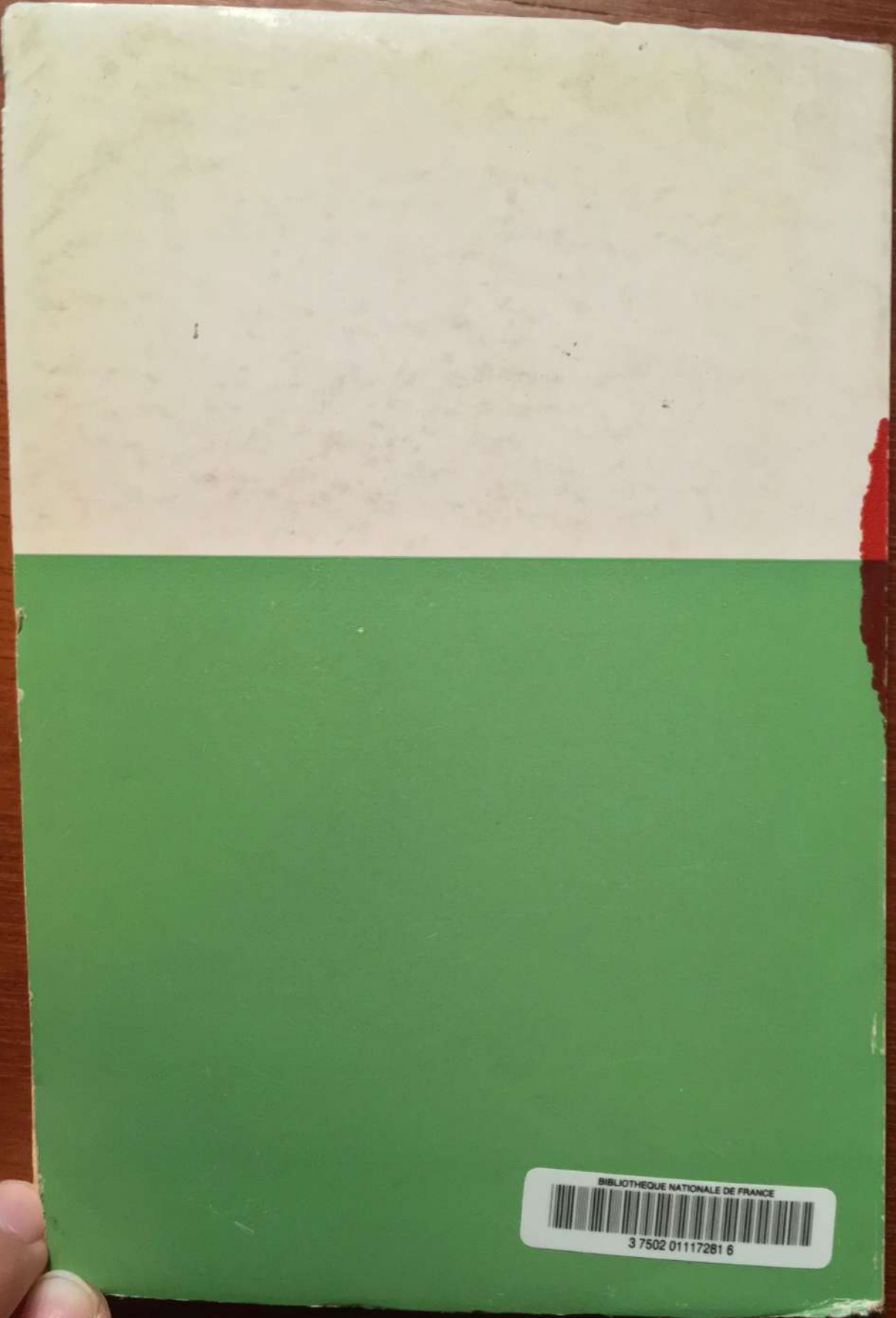
Contra os capitalistas de casaca virada  
Contra as fallinhas mansas que não nos dizem nada  
Classe trabalhadora forte e emancipada

Liberdade, liberdade  
Quem a tem chama-lhe sua  
A do povo já não tarda  
Porque a luta continua  
E de cabeça levantada

F I M







BIBLIOTHEQUE NATIONALE DE FRANCE  
3 7502 01117281 6